

## A era do lixo



**Maurício  
Waldman:**

A civilização do lixo

**Raúl Néstor  
Alvarez:**

O lixo como uma  
construção social

**Eglé Novaes  
Teixeira:**

Por um sistema  
integrado de  
tratamento do lixo

EMAISS

**Wilson Alves de Paiva:**  
A atualidade da filosofia  
de Rousseau

**Audálio Dantas:**  
O mito da morte de  
Vladimir Herzog

# A era do lixo

**N**úmeros impressionantes revelam a produção de lixo na sociedade contemporânea. Somos, efetivamente, uma civilização do lixo.

A revista **IHU On-Line** desta semana discute a realidade e os desafios da “era do lixo”.

Participam desta edição, **Maurício Waldman**, consultor ambiental e autor de inúmeros livros e artigos sobre o tema, **Raúl Néstor Alvarez**, advogado argentino, autor do livro *La basura es lo más rico que hay* (Buenos Aires: Dunken, 2011), **Eglé Novas Teixeira**, professora da Unicamp,

**Antônio Cechin**, irmão marista e militante dos movimentos sociais e dos catadores de Porto Alegre, **Elisabeth Grimberg**, coordenadora executiva do Instituto Pólis, **Carlos Roberto Vieira da Silva Filho**, diretor executivo da Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais – Abrelpe e **Clóvis Benvenuto**, presidente da Associação Brasileira de Resíduos Sólidos e Limpeza Pública – ABLP.

Participam igualmente do debate alguns associados de duas iniciativas populares de coleta seletiva do lixo de São Leopoldo, RS.

Completam a edição mais duas entrevistas. **Audálio Dantas**, jornalista, descreve os seus dois últimos livros: *As duas guerras de Vlado Herzog*, (Civilização Brasileira, 2012) e *Tempo de reportagem: Histórias que marcaram época no jornalismo brasileiro* (Leya, 2012) e, por ocasião do 300º aniversário de nascimento de Jean-Jacques Rousseau, publicamos a entrevista com **Wilson Alves de Piva**, professor na Faculdade União de Goyazes, de Goiás, sobre a atualidade da filosofia deste filósofo francês.

A todas e a todos uma ótima semana e uma excelente leitura!



**Instituto Humanitas Unisinos**

Endereço: Av. Unisinos, 950, São Leopoldo/RS. CEP.: 93022-000

Telefone: 51 3591 1122 - ramal 4128.

E-mail: [humanitas@unisinos.br](mailto:humanitas@unisinos.br).

Diretor: Prof. Dr. Inácio Neutzling.  
Gerente Administrativo: Jacinto Schneider ([jacintos@unisinos.br](mailto:jacintos@unisinos.br)).

## IHU

**IHU On-Line** é a revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos - IHU ISSN 1981-8769. IHU On-Line pode ser acessada às segundas-feiras, no sítio [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br). Sua versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8h, na Unisinos. Apoio: Comunidade dos Jesuítas – Residência Conceição.

### REDAÇÃO

Diretor de redação: Inácio Neutzling ([inacio@unisinos.br](mailto:inacio@unisinos.br)).  
Editora executiva: Graziela Wolfart MTB 13159 ([graziela@unisinos.br](mailto:graziela@unisinos.br)).  
Redação: Márcia Junges MTB 9447 ([mjunges@unisinos.br](mailto:mjunges@unisinos.br)), Patrícia Fachin MTB 13062 ([prfachin@unisinos.br](mailto:prfachin@unisinos.br)) e Thamiris Magalhães MTB 0669451 ([thamirism@unisinos.br](mailto:thamirism@unisinos.br)).  
Revisão: Isaque Correa ([icorrea@unisinos.br](mailto:icorrea@unisinos.br)).

Colaboração: César Sanson, André Langer e Darli Sampaio, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, de Curitiba-PR.  
Projeto gráfico: Agência Experimental de Comunicação da Unisinos - Agexcom.  
Editoração: Rafael Tarcísio Forneck  
Atualização diária do sítio: Inácio Neutzling, Patrícia Fachin, Luana Nyland, Natália Scholz, Wagner Altes e Mariana Staudt

# LEIA NESTA EDIÇÃO

## TEMA DE CAPA | Entrevistas

- 5 **Maurício Waldman:** A civilização do lixo
- 10 **Raúl Néstor Alvarez:** O lixo como uma construção social
- 13 **Antônio Cechin:** Consumismo, desperdício, concentração de renda
- 17 **Eglé Novaes Teixeira:** Por um sistema integrado de tratamento do lixo
- 19 **Elisabeth Grimberg:** Na luta pela mudança do padrão de produção
- 21 **Carlos Silva Filho:** Conscientização ambiental e sensibilização diante do lixo
- 23 **Dico:** Lixo, uma mina de ouro?
- 25 **Deise Fernanda de Oliveira:** Por um “Mundo Mais Limpo”
- 26 **Clóvis Benvenuto:** Lixo: o segredo é o gerenciamento

## DESTAQUES DA SEMANA

- 29 **LIVRO DA SEMANA:** Audálio Dantas: O mito da morte de Vladimir Herzog
- 32 **ENTREVISTA DA SEMANA:** Wilson Alves de Paiva: A atualidade da filosofia de Rousseau
- 37 **DESTAQUES ON-LINE**

## IHU EM REVISTA

- 39 **AGENDA DA SEMANA**
- 40 **FILME EM EXIBIÇÃO:** *Elefante Branco* e uma Buenos Aires pouco conhecida
- 42 **IHU Repórter:** João Arlindo da Silva



[twitter.com/ihu](https://twitter.com/ihu)



[bit.ly/ihufacebook](https://bit.ly/ihufacebook)



[www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)

**Tema  
de  
Capa**

**Destques  
da Semana**

**IHU em  
Revista**

# A civilização do lixo

Na opinião de Maurício Waldman, é preciso atacar a raiz do problema e parar de pensar que gestão dos resíduos se resume a tirar saquinho da calçada. “A gestão dos resíduos deve se situar antes do saquinho e não depois dele”, destaca

POR GRAZIELA WOLFART

“Admite-se que atualmente exista um descarte mundial de 30 bilhões de toneladas de resíduos por ano. Seria meritório advertir que os lixos já assumiram os contornos de uma calamidade civilizatória. Em termos mundiais, apenas a quantidade de refugos municipais coletados – estimada em 1,2 bilhões de toneladas – supera nos dias de hoje a produção global de aço, orçada em 1 bilhão de toneladas. Por sua vez, as cidades ejetam rejeitos – 2 bilhões de toneladas – que superam no mínimo em 20% a produção planetária de cereais, demonstrando que o mundo moderno gera mais refugo que carboidrato básico. Contudo, mesmo esta notável volumetria de resíduos parece não satisfazer a obsessão em maximizá-los. O resultado disso é uma autêntica cascata de lixos”. Os dados impressionantes são trazidos pelo consultor ambiental Maurício Waldman, na entrevista que concedeu por e-mail à **IHU On-Line**. E ele traz mais números: “entre 1991 e 2000 a população brasileira cresceu 15,6%. Porém, o descarte de resíduos aumentou 49%. Sabe-se que em 2009, a população cresceu 1%, mas a produção de lixo cresceu 6%. Es-

sas dessimetrias são também evidentes em dados como os que indicam a metrópole paulista como o terceiro polo gerador de lixo no globo. Perde apenas para Nova York e Tóquio. Mas devemos reter que São Paulo não é a terceira economia metropolitana do planeta. É a 11ª ou 12ª. Ou seja, gera-se muito mais lixo do que seria admissível a partir de um parâmetro eminentemente econômico”.

Maurício Waldman é escritor, professor universitário, pesquisador e consultor ambiental. Tem graduação em Sociologia, mestrado em Antropologia e doutorado em Geografia pela Universidade de São Paulo – USP. É pós-doutor pelo Departamento de Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Atualmente desenvolve, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – Fapesp, seu segundo pós-doutorado em Relações Internacionais, na FFLCH-USP. Foi chefe da coleta seletiva de lixo da capital paulista e coordenador do meio ambiente em São Bernardo do Campo. É autor e/ou coautor de 15 livros, um dos quais é *Lixo: cenários e desafios* (São Paulo: Cortez Editora, 2010).

Confira a entrevista.

**IHU On-Line – De modo geral, como você define o problema do lixo na sociedade moderna?**

**Maurício Waldman** – Há um problema mundial relacionado ao lixo que é inegável. Neste prisma, um dado que chama a atenção é fornecido pela literatura técnica relacionada com o tema. Admite-se que atualmente exista um descarte mundial de 30 bilhões de toneladas de resíduos por ano. Seria meritório advertir que os lixos já assumiram os contornos de uma calamidade civilizatória. Em termos mundiais, apenas a quantidade

de refugos municipais coletados – estimada em 1,2 bilhões de toneladas – supera nos dias de hoje a produção global de aço, orçada em 1 bilhão de toneladas. Por sua vez, as cidades ejetam rejeitos – 2 bilhões de toneladas – que superam no mínimo em 20% a produção planetária de cereais, demonstrando que o mundo moderno gera mais refugo que carboidrato básico. Contudo, mesmo esta notável volumetria de resíduos parece não satisfazer a obsessão em maximizá-los. O resultado disso é uma autêntica cascata de lixos. Exemplificando,

a população norte-americana cresceu quase 2,5 vezes entre 1960 e o ano 2000. Porém, o já magnânimo descarte dos Estados Unidos praticamente triplicou desde 1960. Adicionalmente, outras peritagens mostram que no ano 2020 a União Europeia estará descartando 45% mais rebotalhos do que em 1995. Na União Europeia, um pormenor candente é que o lixo domiciliar se expandiu inclusive em países com evolução populacional pouco expressiva. No caso espanhol, sete anos (1996-2003), foram suficientes para incrementar os refugos em 40%.

### **IHU On-Line – E no Brasil, como se situa este problema?**

**Maurício Waldman** – Malgrado uma nebulosa peça acusatória culpabilizar os países do Norte pela geração do lixo, o Brasil – ao lado de outras nações do hemisfério Sul – ocupa uma incômoda posição na questão dos refugos. No caso, tanto pelas proporções como pela média *per capita*. Na verdade, o lixo brasileiro supera a maioria das nações periféricas. Não seria demasiado sinalizar, que conquanto corresponda a 3,06% da população mundial e 3,5% do PIB global, o Brasil seria, por outro lado, origem de um montante estimado entre 5,5% do total mundial dos resíduos sólidos urbanos. Dito de outro modo: o país é um grande gerador mundial de lixo e deve assumir sua responsabilidade em contribuir para com a resolução do problema.

### **IHU On-Line – Quais os principais e mais urgentes desafios a serem enfrentados?**

**Maurício Waldman** – A situação não admite vacilação e precisamos adotar de verdade os famosos quatro “Rs”<sup>1</sup>: repensar, reduzir, reutilizar e reciclar. A ordem de aplicação é exatamente essa, começando com repensar e terminando com reciclar. Repensar a sistemática de ejeção dos lixos é fundamental, pois o problema, apesar de normalmente visto como uma problemática econômica, é, em larga escala, um tema também pavimentado por injunções sociais, políticas e culturais. No caso brasileiro, o país vivencia nos últimos 20 anos uma escalada na desova de descartes de uma forma que não têm precedentes. Entre 1991 e 2000 a população brasileira cresceu 15,6%. Porém, o descarte de resíduos aumentou 49%. Sabe-se que em 2009 a população cresceu 1%, mas a produção de lixo cresceu 6%. Essas dessimetrias são também evidentes em dados como os que indicam a metrópole paulista como o terceiro polo gerador

1 Leia também sobre a proposta dos “R’s” de Serge Latouche em “O decrescimento como condição de uma sociedade convivial”. In: *Cadernos IHU ideias*, ano 4, n. 56, São Leopoldo, 2006, disponível para download em <http://bit.ly/SAZCFr> (Nota da IHU On-Line)

de lixo no globo. Perde apenas para Nova York e Tóquio. Mas devemos reter que São Paulo não é a terceira economia metropolitana do planeta. É a 11<sup>a</sup> ou 12<sup>a</sup>. Ou seja, gera-se muito mais lixo do que seria admissível a partir de um parâmetro eminentemente econômico.

### **IHU On-Line – Qual a relação entre a questão do lixo e o consumo (e a consequente geração de lixo) como indicativo de desenvolvimento?**

**Maurício Waldman** – A cultura organizacional da modernidade, cuja mola mestra são ritmos cada vez mais velozes impostos à produção, obrigatoriamente tem na reposição constante dos bens uma meta estratégica da sua reprodução material. Dito de outro modo: trata-se de conduzir o consumo para a satisfação de necessidades que não se justificam em si mesmas, mas prioritariamente constituem pressuposto para a produção. No seu entrosamento mais literal, validar o dinamismo do mercado implica promover o descarte contínuo dos bens, ejetados pelo carrossel do consumo. Na perspicaz argumentação do filósofo Abraham Moles<sup>2</sup>, *vivemos numa civilização consumidora que produz para consumir e cria para produzir, um ciclo onde a noção fundamental é a de aceleração*. Consequentemente, quanto mais rápida for a substituição das mercadorias, tanto mais encorpado será o giro do capital. Quando antes e quanto mais os produtos se tornarem inúteis, tanto maiores serão os lucros. Ainda que a contrapartida seja sobre-explorar os recursos naturais e, é claro, maximizar a geração de lixo. Como seria possível arrematar, este conceito de economia é caduco, ambientalmente irrespon-

2 Abraham Moles (1920-1992): engenheiro elétrico e engenheiro acústico francês, além de doutor em física e filosofia. Também foi professor de sociologia, psicologia, comunicação, design na “Hochschule für Gestaltung d’Ulm” e nas universidades de Estrasburgo, San Diego, México e Compiègne. Ele foi o fundador do Instituto de Psicologia da Comunicação Social, em ULP, conhecido como Escola de Estrasburgo pelos alunos universitários de todo o mundo, hoje reunidos na Association Internationale de Micropsychologie et de Psychologie Sociale des Communications. (Nota da IHU On-Line)

sável e não tem condição nenhuma de manter continuidade. Não hesitaria em afirmar que ele se tornou uma ameaça para o futuro da espécie humana. Urge redirecionar a economia para outras vertentes: qualidade de vida, preservação ambiental, utilização racional dos recursos naturais, revisão do estilo de vida e da economia dos materiais.

### **IHU On-Line – O que deveria fazer parte de um plano de gestão de resíduos municipal ideal?**

**Maurício Waldman** – Essa é uma pergunta muito comum. O interessante é que as pessoas imaginam que seja possível criar um “plano padrão” para a gestão dos resíduos. Isto é, um programa capaz de ser aplicado em qualquer contexto. Para citar um exemplo, chegaram a entrar em contato comigo solicitando um plano para uma cidade de 200 mil habitantes. Como é que pode? Claro que o conhecimento do perfil demográfico importa para a confecção de um plano de gestão de resíduos. Todavia, esse dado por si só é insuficiente. Por exemplo, as cidades de Marabá (Pará), Presidente Prudente (São Paulo) e São Leopoldo (Rio Grande do Sul) possuem contingente populacional semelhante, em torno de 200 mil habitantes. Mas isso não significa que uma estratégia de gestão bem sucedida em São Leopoldo possa ser repetida em Marabá ou em Presidente Prudente. Então, é importante primeiramente obter dados do perfil do lixo de cada cidade, país ou região, assim como as dinâmicas responsáveis pela ejeção de descartes e, na sequência, trabalhar com os aspectos sociais, econômicos e culturais envolvidos naquilo que se joga fora. Não existe lixo: existem lixos. Expressão plural e não singular. Outro aspecto essencial é mudar a visão tradicional que observa o lixo unicamente como um resultado. Na realidade, o lixo reporta a um processo, a um dinamismo cujo monitoramento não tem como ser bem sucedido atendo-se a ele enquanto um resultado final. Objetivamente, o importante é pensar as causas, origem dos problemas – e não o fim da linha.

## **IHU On-Line – Quais são os principais fatores que envolvem o gerenciamento do lixo no plano municipal?**

**Maurício Waldman** – Entendo que existem duas diretrizes matriciais: uma de índole filosófica, que seria o caso, por exemplo, dos quatro “Rs” e outra, atinente aos aspectos logísticos de gestão do lixo. De qualquer modo, assevere-se que nosso temário é o lixo brasileiro, que é dotado de uma série de especificidades que devem estar colocadas no centro das atenções. Em nome dessas peculiaridades que o trabalho dos catadores deve, por exemplo, ser protegido, incentivado e valorizado pelas administrações municipais. Mas isso é o oposto do que acontece na maioria dos casos. Estigmatizados socialmente, o trabalho dos catadores – que corresponde a mais de 98% dos materiais encaminhados às recicladoras – segue, a despeito do seu enorme valor social e ambiental, repudiado, quando não hostilizado abertamente, pelas administrações municipais. É o que pondera nota oficial divulgada pelo Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis em 2010. O manifesto recorda que apenas 142 municípios em todo o país (2,5% do total) mantêm relação de parceria com associações e cooperativas de catadores. Tal situação requer revisão imediata.

## **IHU On-Line – Como estes fatores então devem ser levados em consideração?**

**Maurício Waldman** – Entendo que o problema do lixo pode, ao menos, ser mitigado com o concurso de procedimentos inteligentes e práticas ambientalmente corretas. Um exemplo bem concreto: dependendo da bibliografia, o volume de detritos orgânicos no lixo domiciliar brasileiro pende entre 52% a 69,6% do total. Qual seja: independentemente da fonte, o que ninguém discute é a magnitude da fração úmida no lixo residencial. Normalmente, o sistema de limpeza urbana desova toda essa portentosa massa de sobras nos aterros. Mas existem outras soluções. Deveríamos priorizar a educação ambiental, trabalhar contra o desperdício. Afinal, um documento da FAO (órgão da ONU

## **“Validar o dinamismo do mercado implica promover o descarte contínuo dos bens, ejetados pelo carrossel do consumo”**

relacionado com a alimentação e agricultura), datado de 2004, revela que o Brasil está entre os dez países que mais jogam comida no lixo, com perda média de 35% da produção agrícola. Segundo levantamentos, cada família brasileira desperdiça cerca de 20% dos alimentos que adquire no período de uma semana e a Companhia Nacional de Abastecimento – Conab estima perdas em grãos em torno de 10% da produção. Outras avaliações indicam que praticamente 64% do que é cultivado no país acaba lançado na lata de lixo. Isso é um contrassenso manifesto numa nação rotineiramente assediada por campanhas de combate à fome. Portanto, devemos atacar a raiz do problema e parar de pensar que gestão dos resíduos se resume a tirar saquinho da calçada. A gestão dos resíduos deve se situar antes do saquinho, e não depois dele.

## **IHU On-Line – Mas ainda assim existirão sobras...**

**Maurício Waldman** – Sem dúvida alguma. Inclusive aproveito o momento para questionar o conceito de Lixo Zero. Isso é uma mitologia, uma verdadeira peça de ficção. Toda atividade humana consome água, solicita energia e gera lixo. Essa ponderação vale inclusive para a atividade recicladora. Mas se eliminar lixo é uma afirmação insensata, por outro lado é perfeitamente possível pautar a redução dos rejeitos. Retomando o caso do lixo culinário, o meio ambiente e as cidades lucrariam muito mais na hipótese de se universalizar a compostagem

doméstica do que ficar investindo em caros sistemas de logística de coleta de resíduos, em aterros e incineradores. Com a adoção de minhocários domésticos, a redução do lixo orgânico pode alcançar a proporção de 95% do total. Isso significa que os gastos com coleta de lixo urbano podem retrair em até 50%. Conseqüentemente, haveria grande economia para o erário público, propiciando mais verba para saúde e educação. Mesmo que apenas uma parcela da população adote o sistema, ainda assim os ganhos seriam consideráveis.

## **IHU On-Line – Que tipo de lixo é o grande vilão? O domiciliar é um dos maiores?**

**Maurício Waldman** – O lixo jamais constitui vilão. Ele é transformado em um estorvo em razão do papel que os resíduos assumiram na nossa civilização. Como recorda o geógrafo francês Jean Gottman<sup>3</sup>, vivemos um período que poderia ser definido como a Era do Lixo. Esta é a primeira vez na história que os resíduos passaram a ocupar um nexo central nas preocupações humanas. Trata-se de um fato inédito cuja origem é o ineditismo de como os rejeitos são trabalhados pela modernidade. Quanto à questão do lixo domiciliar faz-se importante lembrar – no que causaria espécie a um difuso senso comum – que os rejeitos residenciais perfazem não mais que 2,5% do total do lixo mundial. Na realidade, o que é descartado pelas residências é suplantado de longe, em ordem de importância, pelos rejeitos da mineração, da indústria e da agropecuária. Note-se que esses três segmentos são responsáveis pela geração de aproximadamente 91% do lixo planetário, cabendo tanto para a pecuária quanto para a mineração algo mais que a terça parte do total, e para a agricultura cerca de 20%. Na sequência, temos o lixo industrial, com 4%, o entulho, com 3%, e os resíduos sólidos urbanos, com 2,5%. Entretanto, caberia sublinhar que, embora o lixo domiciliar seja 2,5% nessa conta, processualmente é o mais importante de todos. Isso porque tudo ou quase

<sup>3</sup> Jean Gottmann (1915-1994): geógrafo francês. (Nota da IHU On-Line)

tudo que se produz no mundo acaba descartado no saquinho que colocamos na calçada ou na lixeira do prédio. O lixo domiciliar é o último elo de uma longa cadeia de geração de lixos. Segundo a ativista de sustentabilidade norte-americana, Annie Leonard<sup>4</sup>, professora da Universidade Cornell, atrás de cada saquinho colocado na calçada existem 60 outros sacos de lixo descartados no processo da produção. Em resumo, o lixo domiciliar é o último *avatar* na ciranda da geração de lixos.

#### **IHU On-Line – Quanto lixo é gerado nos municípios brasileiros e o que é feito com ele?**

**Maurício Waldman** – Os dados compilados mais recentes são de 2008. Constam na Pesquisa Nacional de Saneamento Básico – PNSB, um trabalho do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Segundo este levantamento, em 2008 eram coletados 183,5 mil toneladas/dia de resíduos sólidos urbanos. Importa esclarecer que para o PNSB a categoria lixo urbano subentende os refugos procedentes do âmbito domiciliar e do comércio e atividades de serviços. De qualquer modo – para além dos dados impressionantes dos números do IBGE –, a situação da gestão do lixo preocupa no aspecto qualitativo. Por exemplo, na capital paulista cerca de 35% do lixo obtido pela coleta seletiva da administração municipal – que sendo materiais já segregados deveriam ser 100% reaproveitados – é encaminhado para aterros devido a falhas operacionais e logísticas do sistema. Mesmo Curitiba – cidade icônica em termos de reciclagem – 60% dos materiais desovados nos aterros seriam itens passíveis de reciclabilidade. Em termos técnicos, não há nenhuma cidade de porte no Brasil com reciclagem em termos de excelência. Ademais, no país 60,5% dos municípios descartam lixo de modo

4 Annie Leonard (1964): “expert” em matéria de comércio internacional, cooperação internacional, Desenvolvimento sustentável e saúde ambiental. É conhecida como criadora e narradora do documentário de animação *The Story of Stuff* (A história das coisas), que trata sobre o ciclo de vida de bens materiais. (Nota da IHU On-Line)

## “O Brasil está entre os dez países que mais jogam comida no lixo, com perda média de 35% da produção agrícola”

inadequado. Para complicar, mais de 6,4 milhões de toneladas sequer são coletadas, sendo despejadas irregularmente ao longo das vias urbanas, em córregos, praias, etc. Na área rural, a coleta alcança apenas 33% dos domicílios. Ainda com base no PNSB, o documento revela que em 80% do território nacional existem lixões e aterros controlados (na verdade, “lixões melhorados”), sendo que isso acontece justamente nas áreas de maior interesse ambiental: Amazônia, Pantanal, áreas de mangue, cerrado, etc.

#### **IHU On-Line – Qual sua opinião sobre os aterros sanitários como destino do lixo? É a melhor alternativa?**

**Maurício Waldman** – É óbvio que, sendo impossível existir uma sociedade sem resíduos, há um momento no qual o lixo deve ser encaminhado para algum tipo de disposição final. É importante frisar que o aterro sanitário ao menos atenua alguns dos agravantes relacionados com a disposição irregular dos detritos. Reconhecidamente, o lixo domiciliar origina efluentes líquidos (chorume) e gasosos (metano), que constituem complicadores ambientais de monta. O chorume é 200 vezes mais impactante que o esgoto quanto à demanda bioquímica de oxigênio (DBO). Em suma, atua como poderoso elemento destrutivo das águas doces. Quanto ao metano, trata-se de item crucial da agenda das mudanças climáticas. Ainda que as emissões de metano sejam inferiores às do dióxido de carbono (tido como carro-chefe do

efeito estufa), seu efeito é consideravelmente maior: cerca de 20 vezes mais. A discussão relacionada com o metano conquista relevância especial pelo fato deste gás ser dotado de preocupante implicação quanto ao aquecimento global. Acredita-se que no Brasil o lixo domiciliar, devido ao elevado teor de matéria orgânica, represente 12% das emissões brasileiras do gás, sendo que a disposição final responde por 84% desse valor. Ora, ao menos os aterros sanitários drenam o metano e coletam o chorume. Outro detalhe importante é que as áreas eleitas para acolherem aterros sanitários requisitam estudos geotécnicos e medidas de implantação precisas e rigorosas. Em 2008, existiam 1.723 destes equipamentos em operação no Brasil, recebendo 110 mil toneladas/dia de lixo: 58,3% do total nacional. Contudo, advirta-se que, apesar do rigor técnico sugerido pelos aterros sanitários, o modelo incorpora diversos questionamentos, a começar por obrigar a seleção de vastas áreas de terreno – cada vez mais escassas em todo o mundo – exclusivamente para confinar rejeitos. Outro dado é que a pontuação do aterro depende de pessoal técnico qualificado, o que não necessariamente está à disposição. Por fim, os aterros reclamam verbas pesadas para enterrar materiais cuja produção requisitou água, energia, recursos naturais e trabalho humano, um contrassenso a toda prova.

#### **IHU On-Line – E o que dizer dos chamados vazadouros a céu aberto, ou simplesmente lixões? Quais os danos que eles provocam ao meio ambiente e à saúde humana?**

**Maurício Waldman** – Sem meias palavras, o lixão é um verdadeiro caso de polícia. As áreas de lixão no país exibem o que de pior existe na “não gestão” dos rebotalhos. Entre outros problemas temos emissões de chorume e de gás metano sem controle, insetos e toda uma fauna transmissora de doenças, ameaças ao meio ambiente e à população em geral. Essa é a sintomatologia de um lixão. Há aproximadamente 12 mil lixões em atividade ou desativados no território nacional. Nesse sentido, importaria

assinalar que a tão prolapada Política Nacional de Resíduos Sólidos – PNRS de 2010<sup>5</sup>, embora tenha por meta a extirpação do lixo como “equipamento” para confinamento dos resíduos, foi antecedida neste mister pela Lei de Crimes Ambientais de 1998. Para esta legislação, a deposição de resíduos a céu aberto já era considerada ilegal. Mas pelo jeito, foi uma lei que “não pegou”. Para complicar, não obstante a apologia que muitos técnicos do Ministério do Meio Ambiente teceram com abnegação inconsequente ao longo de 2010 quanto ao PNRS, existe o fato concreto de que até este momento, apenas 10% dos municípios elaboraram planos de gestão de resíduos. É um fato que preocupa, e muito, todos os especialistas da “lixologia”. Em especial, os que querem ver a erradicação final dos lixões no Brasil.

#### **IHU On-Line – Qual a importância da reciclagem do lixo como alternativa para o problema?**

**Maurício Waldman** – Essa pergunta é instigante, tanto pelo fato da reciclagem ser uma estratégia matricial na minimização dos impactos provocados pela verdadeira avalanche de lixo que está dominando o planeta quanto pelas próprias limitações da atividade recicladora – no que pode surpreender muitos leitores desta entrevista. Importa esclarecer os seguintes fatos: primeiro, que nas condições como a sociedade e a economia globais estão hoje estruturadas a reciclagem não tem como deter a disseminação do lixo e tampouco impor recuos na expansão dos rebotalhos; segundo, a reciclagem tem se articulado com a dinâmica maior do sistema de

## “O lixo domiciliar é o último avatar na ciranda da geração de lixos”

produção de mercadorias responsável pela depleção dos recursos naturais e gerador de rejeitos. Ou seja, foi cooptada pela lógica da produção incessante; terceiro, a reciclagem não contesta a espiral de consumo e apenas apresenta sob nova roupagem, agora adornada com afetações ambientais e beatificada pelo evangelho do desenvolvimento sustentável. Em síntese, a reciclagem, conforme já sugeri, é somente o último dos quatro Rs. É antecedida em ordem de importância por repensar, reduzir e reutilizar.

#### **IHU On-Line – É viável apostar nela, considerando a sociedade capitalista em que vivemos, onde tudo deve gerar lucro, até o lixo?**

**Maurício Waldman** – Viável ela é e deve ser incentivada. Outra coisa é transformá-la no ícone da defesa do meio ambiente, o que simplesmente não é correto. É preciso rubricar que a ciranda do sistema produtivo, articulada com o que denominei no meu livro *Lixo: cenários e desafios*, como “cornucópia dos lixos”, tem objetivamente nivelado a zero os ganhos advindos com a recuperação dos materiais. Exemplificando, embora no caso do papel a atividade recicladora tenha imposto certa desaceleração no crescimento da demanda por polpa de madeira, ela serviu bem mais como complemento do que substituto para a fibra virgem. Sabidamente, nunca se produziu tanta celulose na história humana quanto nos dias atuais. O consumo de materiais celulósicos cresce num nível tão rápido que suplanta a possível poupança de recursos promovida pela recuperação dos papéis. Outros itens de resíduos repetem o mesmo tipo de desempenho no contexto maior da engenharia econômica. Exemplificando, no Japão, entre 1966 e o ano 2000 a reciclagem

do plástico PET cresceu 40%. Todavia, neste mesmo lapso de tempo o consumo duplicou, cancelando o quinhão de benefícios providos pela recuperação desta sucata. O resgate de metal das lixeiras também não consegue acompanhar o ritmo alucinante de consumo de cargas sequestradas do reino mineral. A produção de aço secundário (metal refundido proveniente da reciclagem) atinge 35% da produção mundial total. Mas os números globais não param de crescer. Assim, se em 1950 as siderúrgicas produziam 189 milhões de toneladas de aço, em 2008 a produção alcançou 1,3 bilhões de toneladas, quase sete vezes mais. Em tempo, precisamos acima de tudo repensar o conjunto da sociedade contemporânea.

#### **IHU On-Line – Gostaria de acrescentar mais algum comentário?**

**Maurício Waldman** – Sim. Gostaria de destacar que a discussão do lixo põe em xeque a civilização do lixo, impondo uma revolução completa da forma como são produzidas as coisas, como são consumidas e como são descartadas. Cada um de nós deve fazer sua parte sabendo que toda contribuição é necessária e indispensável. É uma tarefa difícil, mas não impossível. Atentemos para as palavras do ambientalista Paul Hawken: “*Não se deixem dissuadir por pessoas que não sabem o que não é possível. Façam o que precisa ser feito, e verifiquem se era impossível exclusivamente depois que tiverem terminado*”. É isso: sigamos em frente!

## Leia mais...

>> Mauricio Waldman já concedeu uma entrevista à **IHU On-Line**.

Confira:

- *A era do lixo. “Ele está visceralmente associado ao atual modo de vida”*. Entrevista publicada no sítio do IHU em 11-11-2011 e disponível em <http://bit.ly/RkEODG>

<sup>5</sup> Sobre o tema, o sítio do IHU publicou várias entrevistas, dentre as quais Plano Nacional de Resíduos Sólidos: “prevenção é o norte da política”. Entrevista com Lina Pimentel, publicada em 10-02-2011, disponível em <http://bit.ly/SrysiT>; A era do lixo. “Ele está visceralmente associado ao atual modo de vida”. Entrevista com Maurício Waldman, publicada em 11-11-2011, disponível em <http://bit.ly/RkEODG>; Política Nacional de Resíduos Sólidos: a responsabilidade é coletiva. Entrevista com Elisabeth Grimberg, publicada em 28-05-2012, disponível em <http://bit.ly/MVnKxS> (Nota da **IHU On-Line**)

# O lixo como uma construção social

Segundo Raúl Néstor Alvarez, a chamada “lixerização” se estende dos materiais às pessoas. “Os mendigos ficam estigmatizados como sujos, doentes e transmissores de doença. No entanto, esta caracterização é independente de qualquer processo biológico, mas procede do desenvolvimento da construção social do lixo”

POR GRAZIELA WOLFART

**P**ara o advogado argentino Raúl Néstor Alvarez, “o lixo não é somente essa montanha de substâncias e coisas fedorentas, úmidas e amontoadas que nos causam nojo”. Na entrevista que aceitou conceder por e-mail à **IHU On-Line**, ele propõe pensar o lixo como uma relação social de desapropriação, “como uma relação entre partes desiguais que permite a alguns descarregar seus passivos econômicos e ambientais sobre os outros, que compõem o conjunto coletivo social”. A seu ver, “atirar algo no lixo não consiste em um mero cálculo econômico, mas é uma ponderação subjetiva muito mais complexa na qual entram em jogo nossos desejos ocultos, nossos prazeres e nossas frustrações. Estes aspectos que negamos de nós mesmos, os descarregamos convertendo em lixo certos objetos. Por exemplo, se me sinto gordo e não me gosto assim, então me vingo atirando no lixo as calças que já não me servem. O que fica no cesto de lixo é um aspecto de mim mesmo, que eu renego. De modo que o nojo do lixo, de certo modo, é um nojo de mim mesmo que eu alieno”. E conclui: “o lixo

é uma questão de empoderamento popular e cidadão. É uma questão política. Não pode ser deixado nas mãos tão somente de engenheiros e administradores de empresas”.

Advogado e licenciado em Ciências Políticas pela Universidade de Buenos Aires – UBA, Raúl Alvarez dedica boa parte de sua jornada à docência na Faculdade de Direito da UBA. Sua especialidade é a Teoria do Estado, mas a partir de uma perspectiva crítica, que questiona diretamente o direito de propriedade. Com essa bagagem começou a estudar o lixo, sua relação com o Estado e com a propriedade. Chegou a esse tema acompanhando uma organização territorial de José León Suárez, a área onde se localiza um dos aterros sanitários da Ceamse. O produto dessa pesquisa foi a sua dissertação do mestrado em Ciência Política realizado no Instituto de Altos Estudios Sociales da Universidad Nacional de San Martín – UNSAM (Argentina), que depois se tornou o livro *La basura es lo más rico que hay* (Buenos Aires: Dunkin, 2011). Seus trabalhos podem ser lidos em [www.poderyderecho.blogspot.com](http://www.poderyderecho.blogspot.com).

Confira a entrevista.

**HU On-Line – Como você define o que é lixo?**

**Raúl Néstor Alvarez** – Penso que o lixo não é somente essa montanha de substâncias e coisas fedorentas, úmidas e amontoadas que nos causam nojo. Proponho pensar o lixo como uma relação social de desapropriação, como uma relação

entre partes desiguais que permite a alguns descarregar seus passivos econômicos e ambientais sobre os outros, que compõem o conjunto coletivo social.

**IHU On-Line – Qual a relação do lixo com o Estado e com a questão da propriedade?**

**Raúl Néstor Alvarez** – O Estado é um aspecto das relações sociais de exploração, o aspecto coercitivo, que se corporiza em aparelhos, cuja função é exercer “institucionalmente” a força para reproduzir essas relações sociais desiguais que o constituem. Esse Estado, enquanto estado capitalista, garante estrategicamente a

reprodução do capital. No terreno do valor positivo dos objetos, cumpre esta função conservando a propriedade privada da classe dominante. Mas quando entramos no terreno negativo de valor, quando nos encontramos com objetos e substâncias dos quais seus proprietários privados já lhe extraíram seu valor positivo, então o papel do Estado, para favorecer a acumulação do capital, passa por absorver a gestão desses materiais que provocam perdas. A lógica capitalista do lixo passa por privatizar o que dá lucro, e socializar o que dá perda. O papel do Estado, neste terreno, então, é atuar como gestor, como administrador dessas perdas (econômicas e ambientais) através da chamada “gestão de resíduos”.

#### **IHU On-Line – Como a divisão em classes é uma estrutura social que acaba replicada no terreno do lixo?**

**Raúl Néstor Alvarez** – Em sociedades capitalistas como a que vivemos, as relações sociais, ao serem desiguais, são antagônicas. Isso quer dizer que há exploradores e explorados, dominadores e dominados. Nesse sentido, falo de divisão em classes. Parece-me que a ideia de antagonismo permite uma concepção não substancialista da ideia de classe. Aplicar este conceito ao tecido social do lixo nos permite conceber uma rede de “lixadores” e “lixados”. Ou, mais amplamente, desde o ponto de vista ambiental, podemos falar de contaminadores e contaminados. Por “lixerização” me refiro ao trato das pessoas ou dos objetos como se fossem lixo, como se não tivessem nenhum valor positivo. Como a estrutura de nossas sociedades capitalistas é desigual, os objetos e materiais descartados por estratos mais elevados, podem ser úteis e valiosos para pessoas situadas em níveis mais baixos. Isso é o que explica que os mais pobres considerem conveniente a coleta e recuperação de objetos misturados ao lixo. Mas pagam um preço por isso, porque a “lixerização” dos objetos impregna imaginariamente

## “A lógica capitalista do lixo passa por privatizar o que dá lucro, e socializar o que dá perda”

as pessoas que trabalham com esses objetos “lixerizados”.

#### **IHU On-Line – Como o senhor define o preconceito cultural, de ideia normalizadora do lixo, que impede o avanço da reciclagem?**

**Raúl Néstor Alvarez** – O lixo funciona também como uma dimensão simbólica. Quando nos formamos como sujeitos, aprendemos um conjunto de normas, de preconceitos, de higiene e de conduta que requerem da formação de lixo para se fixarem. Tudo o que em uma mesa, em um lar, ou em um escritório gera desordem, atrapalha ou é considerado “sujo”, acaba retirado da ordem cotidiana e se destina à cesta de lixo. Ou seja, se “lixeriza”. Lixo é o contrário necessário da ordem e da limpeza. E esta ordem, tanto doméstica como social, necessita da ideia de lixo para poder funcionar. Daí que se atribuem ao lixo uma quantidade de características, como sujeira e “infectosidade”, que não procedem de suas propriedades físicas, mas que são atributos culturais, imaginários. Este “poder imaginário” que se atribui ao lixo se incorpora e se inscreve nos corpos como “asco”, que é uma sensação aprendida socialmente. Não é um reflexo biológico. A partir do lixo, os setores privilegiados da sociedade capitalista são capazes de sentir asco pelo lixo. E este asco deixa à mostra a fronteira que demarcou a norma, entre o que é lixo e o que faz parte da ordem do social. Conjugam-se, além disso, outra dimensão simbólica de tipo individual, que são os sentidos

inconscientes que transferimos a um objeto quando o convertemos em lixo. Atirar algo no lixo não consiste em um mero cálculo econômico, mas é uma ponderação subjetiva muito mais complexa na qual entram em jogo nossos desejos ocultos, nossos prazeres e nossas frustrações. Estes aspectos que negamos de nós mesmos, os descarregamos convertendo em lixo certos objetos. Por exemplo, se me sinto gordo e não me gosto assim, então me vingo atirando no lixo as calças que já não me servem. O que fica no cesto de lixo é um aspecto de mim mesmo, que eu renego. De modo que o nojo do lixo, de certo modo, é um nojo de mim mesmo que eu alieno. Quando um mendigo abre meu saco de lixo, sem nojo, é porque ultrapassou essa fronteira da normalidade, fazendo desandar a construção social do lixo. E por isso fica impregnado da mesma denotação da qual o lixo é objeto. A “lixerização” se estende dos materiais às pessoas. Os mendigos ficam estigmatizados como sujos, doentes e transmissores de doença. No entanto, esta caracterização é independente de qualquer processo biológico, mas procede do desenvolvimento da construção social do lixo.

#### **IHU On-Line – Em que sentido o senhor afirma que o lixo em si não existe, que se trata de um fetiche?**

**Raúl Néstor Alvarez** – O que quero dizer é que quando se manipula o lixo não devemos nos limitar à questão dos materiais e às quantidades, mas temos que considerar o processo social desigual do qual ele procede. Os sentidos imaginários, inconscientes e desiguais que implicam no lixo são densos e explicam grande parte de nossos comportamentos a respeito. Pontualmente, um fetiche é um objeto ao qual se atribuem poderes imaginários. Mas quando se indaga no contexto em que se insere o objeto, vemos que o importante não é a materialidade dessa coisa, mas as relações sociais desiguais que se valem dela para se reproduzir. Assim como a

mercadoria não equivale a seu preço, mas explica um conjunto de relações de exploração, do mesmo modo o lixo não é somente essa montanha malcheirosa que está nos aterros, mas é uma relação. A diferença entre a mercadoria e o lixo é que o que tem valor positivo permanece no patrimônio das pessoas, sob o direito de propriedade, e o que se torna desagradável é descartado como lixo. Mas a relação social é a mesma: apropriação em um caso e desapropriação em outro. A propriedade é um direito que permite ao *dominus* excluir *erga omnes* a todo o resto da sociedade, do uso e gozo de sua coisa. Ao contrário, o lixo é uma “desapropriação” de algo que até agora tinha um dono, e uma vez que obteve seu lucro, quando sua coisa passa a ter valor negativo, descarrega esse passivo econômico ou ambiental no resto da sociedade, ou seja, no ambiente. O coletivo social se faz responsável, através do Estado, de gerir estes passivos, garantindo, desse modo, que os ativos fiquem apropriados por uma minoria. Esta maneira de ver o lixo como relação de desapropriação, contrária e complementar à relação de propriedade, pode se estender a todas as relações de contaminação. Porque a contaminação tanto da água e do ar como da terra sempre implica a presença de resíduos que tenham sido desapropriados em um bem coletivo que é o ambiente.

**IHU On-Line – Em que medida o lixo é utilizado como recurso de poder?**

**Raúl Néstor Alvarez** – Mais do que um recurso, o lixo é poder. Porque o poder não é uma coisa que se toma ou se deixa. É um aspecto das relações sociais. E no lixo circula, entre outras coisas, relações de poder. O lixo procede do exercício desigual do poder; o reproduz. O Estado, ao gerir o lixo, garante a apropriação privada de lucro à socialização de perdas mediante a coerção. Os mendigos, por isso, geralmente têm sido perseguidos. Aqui em Buenos Aires, o princi-

“Lixo é o contrário necessário da ordem e da limpeza. E esta ordem, tanto doméstica como social, necessita da ideia de lixo para poder funcionar”

pal aterro, o Norte III da CEMASE, é custodiado pela polícia armada, como se se tratasse de um tesouro. Os catadores, ao resgatar objetos do lixo, estão rompendo a lógica de poder e da apropriação/desapropriação do lixo. Por isso são discriminados, perseguidos, reprimidos, marginalizados. Além disso, em torno do reaproveitamento do lixo também se montam redes de aproveitamento econômico, que implicam exploração e relações de poder. Mas isso não foge às demais relações de poder que se dão no território social da marginalidade. O uso do lixo como “recurso” de poder é nítido quando o Estado dificulta ou nega aos catadores o acesso a seu material de trabalho. Mas também a prisão usa a privação da liberdade como um recurso de poder, do mesmo modo que o fazem os demais aparatos do Estado em seu trato com os setores subalternos.

**IHU On-Line – Como você chegou à conclusão de que o lixo é o que há de mais rico?**

**Raúl Néstor Alvarez** – A frase do título do livro não é minha, mas de um catador de Villa Lanzzone, Buenos Aires. Uma vez fomos com uma equipe da Universidad de General Sarmiento a uma assembleia de um projeto social de reciclagem. Ali propusemos

aos catadores que em seu trabalho cotidiano, além de luvas, usassem máscara para tapar a boca e o nariz. Era uma ideia exótica, totalmente alheia ao modo de trabalho habitual dos trabalhadores do lixo, que não somente não se adoentam nem tem nojo do lixo, como também tem feito dele seu meio de vida e de alimentação. Por isso, um jovem irreverente, parado em uma montanha de lixo ao fundo do galpão onde nos reuníamos, gritou: “para que vamos usar máscara se o lixo é o que há de mais rico?”. Referia-se ao duplo caráter do lixo: é rico porque se pode comer, e dele se pode extrair valor ao recuperá-lo.

**IHU On-Line – Como resolver o problema do lixo em nossas sociedades se considerarmos que o capital é regido pela lógica da escassez?**

**Raúl Néstor Alvarez** – A pergunta excede o que posso dizer a partir da etnografia que venho realizando. Mas creio que o caminho é desandar a lógica capitalista do lixo, empregar critérios ambientais para seu manejo, avançar na reciclagem usando mão de obra intensiva de quem atualmente se ocupa dele, que são os mendigos e catadores, valendo-se de lógicas não tecnológicas, mas cidadãs, de organização e decisão. O lixo é uma questão de empoderamento popular e cidadão. É uma questão política. Não pode ser deixado nas mãos tão somente de engenheiros e adminis

## Leia mais...

>> O sítio do IHU publicou recentemente uma entrevista com Raúl Alvarez sobre o tema.

Confira:

- *Lixo, Estado e propriedade*, publicada em 18-10-2012, disponível em <http://bit.ly/RWAsTC>

# Consumismo, desperdício, concentração de renda

O lixo revela o padrão predatório de nossa sociedade e a doença do planeta Terra, que hoje “clama” aos humanos que o estão asfixiando. Tudo isso gera a magnitude do desequilíbrio ambiental, lamenta Antônio Cechin

POR THAMIRIS MAGALHÃES E PATRICIA FACHIN

O que mudou em relação ao trabalho dos catadores de lixo de Porto Alegre a partir da implantação da Política Nacional de Resíduos Sólidos, segundo Antônio Cechin, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, foi que os catadores foram os primeiros atores a reconhecer um valor econômico e ambiental aos resíduos e em fazê-los voltar ao processo produtivo. “Para muitos, é a única possibilidade de renda e sobrevivência. Através da organização de associações e cooperativas, estão avançando na luta por políticas públicas que reconheçam e valorizem a atividade como profissão. Estão avançando em processos e ampliando sua inserção na cadeia produtiva para gerar renda digna”, diz. Para ele, os principais desafios da gestão integrada dos resíduos sólidos recicláveis são: a se-

paração dos resíduos onde são gerados; a coleta seletiva feita por cooperativas ou associações; e a destinação adequada de cada tipo de resíduo.

Antônio Cechin é irmão marista, graduado em Letras Clássicas (grego, latim e português) e em Ciências Jurídicas e Sociais. Atualmente, é agente de Pastoral em diversas periferias da região metropolitana de Porto Alegre, assessor de Comunidades Eclesiais de Base do Rio Grande do Sul, dos catadores e recicladores. Desempenha ainda a função de coordenador do Comitê Sepé Tiaraju e da Pastoral da Ecologia do Regional Sul-3 da CNBB. Escreveu *Empoderamento Popular. Uma pedagogia de libertação* (Porto Alegre: Estef, 2010). Publica, periodicamente, os seus artigos nas **Notícias do Dia** do sítio do IHU.

Confira a entrevista.

## IHU On-Line – De modo geral, como a questão do lixo é tratada no Rio Grande do Sul?

**Antônio Cechin** – Como o problema do lixo é um assunto recorrente no Rio Grande do Sul, que retorna sempre de novo, particularmente através da mídia, também porque ao falar dele sempre se fala no Povo da Rua, é um dos principais protagonistas em matéria de despoluição, tomo a liberdade de começar de quando tudo se iniciou no nosso Estado, que foi pioneiro na coleta de resíduos sólidos.

O primeiro alerta em relação ao problema do lixo e do fenômeno da poluição na natureza, no Rio Grande do Sul, foi dado pelo nosso grande

ecologista José Lutzemberger<sup>1</sup>. Não

<sup>1</sup> **José Antônio Lutzemberger** (1926-2002): agrônomo e ecologista brasileiro que participou ativamente na luta pela conservação e preservação ambiental. Foi secretário-especial do Meio Ambiente da Presidência da República de 1990 a 1992. Em 1971, depois de treze anos como executivo da Basf, abandonou a carreira para denunciar o uso indiscriminado de agrotóxicos nas lavouras do Rio Grande do Sul. A partir de então, se dedicou à natureza e defendeu o desenvolvimento sustentável na agricultura e no uso dos recursos não renováveis, alertando para os perigos do modelo de globalização em vigor. Participou da fundação da Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural (AGAPAN) - uma das entidades ambientalistas mais antigas do país - e criou a Fundação Gaia. Leia mais na edição 18 da Revista **IHU On-Line**, intitulada *Lutzemberger: uma vida em favor da natureza*, publicada em 20 de maio

contente com as fortes denúncias que fazia, nosso popular Lutz começou imediatamente a tomar iniciativas no sentido de introduzir práticas tendentes a minimizar os males que verberava com seus discursos contundentes.

Em algum edifício de apartamentos, Lutz iniciou a educação dos inquilinos no sentido de separar o lixo seco do lixo orgânico, apartamento por apartamento. O seco era encaminhado a alguma família pobre a fim de realizar a triagem e possível venda dos

de 2002, disponível em <http://migre.me/5uSsx>. Leia, também, a entrevista com a jornalista Lilian Dreyer, intitulada *A atualidade do legado de Lutzemberger*, na edição 395 da revista **IHU On-Line**, de 04-06-2012, disponível em <http://bit.ly/L9KRnY>. (Nota da **IHU On-Line**)

materiais, e o lixo orgânico, em saco separado, continuava à disposição do DMLU para a coleta destinada a descarte no grande lixão a céu aberto de Porto Alegre.

### Os três R

A Igreja das Comunidades Eclesiais de Base ou da Teologia da Libertação, no início da década de 1980, dentro da radicalização de sua opção pelos pobres, na Ilha Grande dos Marinheiros, junto ao Delta do Jacuí, em Porto Alegre, criou o primeiro coletivo de trabalho com catadores dentro da filosofia dos três R, estabelecida pelo nosso mestre em ecologia Lutzemberger: reduzir, reutilizar, reciclar. *Reduzir* a quantidade de lixo, *reutilizar* tudo quanto for possível para confecção de artesanato e outras utilidades e *reciclar* tudo quanto fosse vendável como matéria-prima de novos objetos para o consumo. Lutz havia trabalhado indivíduos para a “separação caseira”. A Igreja da Libertação enfocou o problema de maneira comunitária como convém ao Projeto que Jesus trouxe de junto do Pai: o Projeto do Reino de Deus que é comunitário por excelência.

A unidade primeira de Catadores da Ilha Grande espalhou-se depois em mais de 100 outras unidades por todo o estado do Rio Grande do Sul, quase todas originadas de Comunidades Eclesiais de Base. Foi criada então uma federação que englobasse todos os coletivos estaduais com o objetivo de se tornar um movimento popular.

No início do terceiro milênio – ano 2000 – a Federação das Associações de Recicladores do Rio Grande do Sul – FARRGS seguiu para Brasília onde, por obra e graça das Comunidades Eclesiais de Base, mais alguns outros coletivos de diferentes estados do Brasil, foi criado o Movimento Nacional de Catadores – MNC.

### Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural

Com um grupo de amigos, Lutzemberger fundou a Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural – Agapan, na intenção de se tornar um movimento social e popular com finalidades preservacionistas e de caráter ecológico.

Hoje, 50 anos passados desde os inícios da Agapan, a associação mais

autorizada a falar em nome de todos os rio-grandenses, existe uma grande preocupação por parte da população e dos administradores públicos em geral, referente à coleta dos resíduos. Todos até, com suma rapidez, querem se livrar dos seus resíduos. O que prevalece mesmo é a preocupação estética em relação ao lixo, isto é, de querer se livrar dos rejeitos o mais depressa possível e para lugares os mais longínquos possíveis. No estado, ainda temos cerca de duas dezenas de grandes lixões a céu aberto. Diversas cidades já fazem coleta seletiva, a grande maioria das pessoas ignora para onde tais descartes são levados e como são tratados. Ainda existem muitos depósitos clandestinos.

Diversas cidades já fazem coleta seletiva e a grande maioria dos centros de triagem são operados pelas próprias cooperativas ou associações de recicladores, com a desonrosa exceção da capital Porto Alegre, que, de oito anos para cá, deixou de fazer jus ao seu pioneirismo nesta matéria.

### IHU On-Line – Há uma preocupação ambiental e sanitária?

**Antônio Cechin** – A preocupação é mais de caráter sanitário do que ambiental. Os recursos são investidos principalmente em limpeza urbana, coleta e aterro. Há pouquíssimos investimentos em programas de educação ambiental para não geração ou redução na quantidade, na reutilização e na reciclagem dos materiais descartados. Minha impressão é que, pelo fato de como Estado termos perdido nosso pioneirismo, como somos parlapatões sempre que se trata de contar vantagens, por aqui perdemos a vontade de pesquisar sobre o assunto e, naturalmente, também de divulgar dados que nos comprometeriam.

Toda vez que se quer números, estatísticas, comparações, etc., sempre é em termos de Brasil. Assim, em questão de reciclagem nosso país, com um potencial de 8 bilhões por ano, processa, no máximo, 3 bilhões, segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Ipea. Se os objetivos do Plano Nacional de Resíduos Sólidos forem atingidos, muda tudo: a qualidade do líquido que as empresas captam para tratar a água que nós bebemos e a qualidade do ar nas cidades

que têm lixão – afirma o gerente do Departamento Urbano do Ministério do Meio Ambiente, Ronaldo Hipólito.

### IHU On-Line – Quais são hoje as principais políticas públicas adotadas no Rio Grande do Sul para tratar a questão do lixo? Nesse sentido, que desafios aponta para que o tratamento do lixo seja mais eficiente?

**Antônio Cechin** – As principais políticas públicas são:

- A coleta e a disposição final dos resíduos nos aterros.
- A coleta seletiva. Em alguns municípios, as cooperativas ou associações de catadores são contratadas para fazer a coleta seletiva de acordo com o Plano Nacional de Resíduos Sólidos do proposto pelo então governo Lula.
- Os centros de triagem gerando trabalho e renda.
- Na vontade do operário metalúrgico e ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, que urgiu a Política Nacional de Resíduos Sólidos 20 anos, engavetada no parlamento nacional, os coletivos de catadores do Brasil devem, aos poucos, se apropriar de todas as etapas da cadeia de beneficiamento dos resíduos: coleta seletiva, triagem, prensaagem, venda in natura ou em fardos, artesanato, industrialização para a fabricação de novos objetos, etc.

Os desafios que aí estão:

- Reforço na educação ambiental.
- Ampliar estruturas de coleta seletiva envolvendo os catadores com remuneração através de contratos. O normal nos coletivos de catadores é selecionar ou triar somente aquilo que se consegue vender. Ora, amanhã ou depois surgirão certamente novas fábricas absorvendo matérias primas que hoje ainda não são selecionadas, como, aliás, prevê a lei nacional com as chamadas políticas reversas. Então, nos perguntamos: Não seria o caso de os coletivos de reciclagem triarem absolutamente todos os resíduos sólidos e as prefeituras pagarem aos catadores os fardos de materiais selecionados e enfardados que possam ser estocados nos galpões e que hoje não têm venda? Não seria justo os catadores gastarem tempo e energia se-

parando materiais pelos quais não tivessem as energias despendidas num trabalho pelo qual não fossem remunerados.

- Melhorias nas estruturas de trabalho e nas instalações sanitárias dos recicladores.
- Implantação de sistemas de beneficiamento de plásticos e outros materiais para qualificação e agregação de valor.
- Criação de sistemas de compostagem para os resíduos orgânicos – evitaria gastos com transporte e aterramento.

### **IHU On-Line – Quantos municípios do Rio Grande do Sul ainda não possuem coleta seletiva? Quais são as dificuldades para aderir à coleta?**

**Antônio Cechin** – É difícil ter um dado atualizado de quantos municípios realizam coleta seletiva. O que deve interessar mesmo é o quanto é coletado nos municípios que dizem ter coleta seletiva. Em muitos casos, a eficiência é baixa. O que vem afirmado nos debates em torno da questão é que apenas 10% dos resíduos são destinados para a reciclagem.

A principal dificuldade é que os administradores ou gestores avaliam mais os custos econômicos sempre. Não levam em conta a questão ambiental e social. Quando um município implanta coleta seletiva, gera uma mobilização da população, que traz muitos ganhos de cidadania e outros cuidados ambientais, inclusive com a situação dos catadores.

### **Coleta seletiva em igrejas e associações**

Em Porto Alegre, foram a sociedade civil e a Igreja que começaram com coleta seletiva em igrejas e associações. Os consumidores como produtores de resíduos sólidos e agora separadores nas moradias de lixo seco entregavam alegremente seus resíduos sólidos diretamente aos coletores-catadores das unidades de triagem, até pela satisfação de estarem ajudando pessoas pobres em suas lutas por sobrevivência. Atitude completamente diferente dos produtores de resíduos, constatamos depois quando a prefeitura decidiu fazer a coleta oficial em toda a cidade. Já não entregavam com tanta satisfação como antes,

quando era diretamente para a gente pobre. Até houve diminuição de entregas sob o argumento de que agora era a prefeitura e seus funcionários que os recebiam. Este fato nos tornou convictos de que a lei do Lula está correta dentro da vontade de tudo fazer através dos próprios catadores, desde a coleta até a venda final dos materiais *in natura* ou beneficiados.

### **IHU On-Line – Quais são hoje os principais programas, projetos e ações desenvolvidos em Porto Alegre para alcançar as metas previstas no Plano Nacional de Resíduos Sólidos?**

**Antônio Cechin** – A coleta seletiva foi o primeiro programa desenvolvido em Porto Alegre pela prefeitura, logo que o Partido dos Trabalhadores (PT) venceu as eleições na capital através do candidato Olívio Dutra, que, também em seu governo, passou a apoiar a criação de outras unidades de catadores, construindo vários galpões de trabalho, baseado na experiência-piloto realizada pelas Comunidades Eclesiais de Base. A sociedade civil junto com a Igreja Católica criou uma política pública para beneficiar catadores. O PT foi o primeiro partido no Estado a dar apoio a esta iniciativa dando o segundo passo, transformando-a em política de governo. Outros governos de outros partidos pós-PT não cresceram para o terceiro passo no sentido de transformar a política pública em política de governo com leis próprias, com direito a ter orçamento especial etc. Foi realmente por causa do governo federal, através do então presidente Lula, que hoje os catadores têm as melhores leis do mundo em favor da sua categoria de trabalhadores-catadores.

### **IHU On-Line – A partir do Plano Nacional de Resíduos Sólidos, já é possível apontar melhorias em relação ao destino dado aos resíduos sólidos no país?**

**Antônio Cechin** – O debate em torno deste assunto está em cada canto deste país. A política nacional estabeleceu prazos e está havendo uma forte mobilização dos gestores e da sociedade para encontrar soluções adequadas. Há debate em torno das tecnologias que estão sendo apresentadas e sobre a inclusão dos catadores presen-

tes em praticamente todas as cidades porque, de uma situação de maioria da população em estado de pobreza, hoje, pós-governo Lula, embora tenhamos tido o melhor presidente em 500 anos de Brasil, nosso povo está somente um pouco menos pobre do que era antes, porém continuamos ainda a ser um país pobre.

### **IHU On-Line – O que mudou em relação ao trabalho dos catadores de lixo de Porto Alegre a partir da implantação da Política Nacional de Resíduos Sólidos? Que relação os catadores estabelecem com o lixo?**

**Antônio Cechin** – Os catadores foram os primeiros atores a reconhecer um valor econômico e ambiental aos resíduos e em fazê-los voltar ao processo produtivo. Para muitos, é a única possibilidade de renda e sobrevivência. Através da organização de associações e cooperativas, estão avançando na luta por políticas públicas que reconheçam e valorizem a atividade como profissão. Estão avançando em processos e ampliando sua inserção na cadeia produtiva para gerar renda digna.

### **IHU On-Line – De que forma as cooperativas que devem gerir os resíduos sólidos estão atuando?**

**Antônio Cechin** – As cooperativas e associações, em sua maioria, realizam a triagem em galpões ou usinas cedidas pelas prefeituras. De modo geral, as condições de trabalho e espaços de convivência apresentam deficiências e geram baixa produtividade. A gestão de um empreendimento coletivo é um enorme desafio numa sociedade onde os valores capitalistas prevalecem. Os integrantes destas organizações carecem muito de escolaridade e conhecimentos necessários para a gestão do coletivo. A renda em geral ainda fica abaixo de um salário mínimo e provoca muita rotatividade. São necessárias outras políticas públicas de apoio para resolver questões como habitação, educação, saúde, creches, que beneficiem as mulheres, que são a grande maioria nesta atividade.

Existem situações em que as associações ou cooperativas têm o ônus da coleta de materiais com equipamentos precários (tração humana) e sem nenhum apoio do município. Mas já existem diversos casos em que

as cooperativas passaram a ser contratadas para fazer a coleta seletiva e que têm atingido índices muito bons. Algumas cooperativas também contam com estrutura e conhecimentos para realizarem beneficiamento de plásticos, apresentando uma matéria-prima mais qualificada e pronta para ser transformada em novos produtos. Isso tem melhorado a renda destes trabalhadores. As universidades têm um compromisso muito importante de disponibilizar conhecimentos e introdução de tecnologias simples que possam tornar o trabalho mais fácil e contribuir para melhoria da renda.

**IHU On-Line – Que porcentagem do lixo da capital tem sido reciclado? Seria possível ampliar a reciclagem?**

**Antônio Cechin** – Se somarmos aquilo que os carrinheiros, que coletam individualmente com a coleta seletiva por parte da prefeitura, dizem, atingiremos um máximo de 10% de todos os resíduos sólidos recicláveis na capital, pela quantidade de carrinheiros que circulam pela cidade e pelos apelos que recebemos por parte de párocos com trabalhos sociais, especialmente sopões ou refeições comunitárias para os pobres do entorno das igrejas. Em diversas dessas paróquias que frequentamos, pelo menos um terço das pessoas que acorrem para se alimentar é de carrinheiros. Poderíamos, em pouco tempo, dobrar o número de galpões de triagem que atualmente somam 18 unidades em Porto Alegre. Com a maior facilidade, poderíamos ir a 36 ou 40 unidades no total. E muito rapidamente, se ocupássemos elefantes brancos para nossa façanha.

Aliás, essas ocupações foram sumamente aprovadas por Santo Tomás de Aquino, o filósofo e teólogo maior de toda a história da Igreja e que viveu em plena Idade Média. Diz ele: quando uma pessoa ou um grupo de pessoas são tão pobres e carentes a ponto de não poderem satisfazer suas necessidades básicas, nesse momento “tudo, absolutamente tudo” no mundo, passa a ser comum, isto é, de todos. Esses famintos, doentes, sem casa etc. têm todo o direito de ir ali onde tem comida nos armazéns ou nas geladeiras dentro das moradias, pegar comida e se alimentar a fim

de não morrer de fome. Podem, para descansar e dormir, procurar e ocupar um local qualquer, um abrigo, uma cama para acabar com o sono, e assim por diante.

**Resíduos sólidos limpos**

Em meu sentir junto do povo, se as responsabilidades pelos resíduos sólidos fossem universais, isto é, de todos os que deveriam se envolver com eles, desde os produtores de lixo ou consumidores, as fábricas de objetos para o consumo, os lojistas, etc. poderíamos ter resíduos sólidos inteiramente limpos. Se isso acontecesse, em Porto Alegre poderíamos ter uma unidade, em cada bairro ou vila, de lixo inteiramente limpo, sem absolutamente cheiro algum, fazendo com que o catador separasse com maior rapidez, obtendo ganhos dobrados, sentindo-se emocionalmente cidadão em plenitude, trabalhando em pé de igualdade com todos os trabalhadores do país, com dignidade e autoestima completas. Pelo menos duas dessas unidades poderiam funcionar junto à Rua da Praia, que é o centro comercial da cidade.

**IHU On-Line – Quais são os desafios da gestão integrada dos resíduos sólidos recicláveis?**

**Antônio Cechin** – Os principais desafios são: a separação dos resíduos onde são gerados; a coleta seletiva feita por cooperativas ou associações; e a destinação adequada de cada tipo de resíduo.

**IHU On-Line – O quê, lixo e a destinação dada a ele, revelam sobre a organização e a estrutura da nossa sociedade?**

**Antônio Cechin** – Revela o consumismo, a concentração de renda, o desperdício de recursos, a doença do planeta Terra hoje clamando aos humanos que o estão asfixiando. Tudo isso gera a magnitude do desequilíbrio ambiental.

**IHU On-Line – Deseja acrescentar algo?**

**Antônio Cechin** – Depois de muita luta, o país conquistou uma legislação muito importante sobre resíduos, principalmente a inclusão dos cata-

dores, mais de um milhão em todo o país e pouquíssimos organizados. Agora se impõe um esforço de todos para implementar ações concretas e que exigem mudanças de comportamento. Precisamos de uma fiscalização eficiente a fim de que as metas a serem alcançadas não caiam no esquecimento.

**Leia mais...**

>> Antônio Cechin já contribuiu com a **IHU On-Line** com várias entrevistas. Confira:

- “*A utopia da terra sem males*”, publicada em 23-02-2007, nas **Notícias do Dia**;
- “*Os pobres me evangelizaram*”, publicada em 10-06-2007, nas **Notícias do Dia**;
- “*Os pobres me evangelizaram*”. Entrevista concedida à Revista **IHU On-Line**, edição 223, de 11-06-2007, disponível em <http://migre.me/c8fhk>;
- “*Antônio Cechin: 80 anos*”. Entrevista concedida à Revista **IHU On-Line**, edição 223, de 11-06-2007, disponível em <http://migre.me/c8fl1>;
- “*Querência amada ofende a sensibilidade religiosa dos cristãos sul-riograndenses e brasileiros*”, publicada em 02-11-2007, nas **Notícias do Dia**;
- “*A tragédia da silvicultura em terra Guarani*”. Entrevista especial com José Bassegio e Irmão Antonio Cechin, publicada nas **Notícias do Dia**, em 13-05-2008;
- “*Encruzilhada Natalino, 30 anos. O nascimento de um acampamento*”, publicada nas **Notícias do Dia**, em 05-08-2008;
- “*A partir do Natal do Menino Jesus, a Esperança não morre nunca mais, porque seremos imortais*”, publicada em 05-01-2009, nas **Notícias do Dia**;
- “*A Páscoa cristã e a Pessach judaica: origens, relação e atualidade*”. Entrevista com Guershon Kwasniewski, Cleide Schneider e Antônio Cechin, publicada em 01-04-2010, nas **Notícias do Dia**;
- “*São Sepé Tiaraju: exemplo heróico guarani*”. Entrevista concedida à Revista **IHU On-Line**, edição 331, de 31-05-2010, disponível em <http://migre.me/c8fr5>.

# Por um sistema integrado de tratamento do lixo

“Temos que minimizar a geração, começando pela redução na fonte, ou seja, não gerando o lixo e, se este for inevitável, gerar menos, evitando o desperdício”, defende Eglé Novaes Teixeira

POR GRAZIELA WOLFART

Na visão da professora da Unicamp Eglé Novaes Teixeira, nossos hábitos nos conduzirão a um “mundo de lixo”. Na entrevista que concedeu por e-mail à **IHU On-Line**, ela acredita que todos devem mudar seus hábitos, passando a gerar menos resíduo, pensando e consumindo de forma consciente. “Antes de fazermos uma compra, devemos nos perguntar: preciso realmente deste bem ou coisa? O que tenho não dá para ser ainda usado? Preciso comprar tanto? Não posso diminuir a quantidade que estou comprando? Vou poder aproveitar tudo que estou comprando?”, questiona. E continua: “se realmente tivermos que fazer a compra, devemos

optar por produtos que sejam reutilizáveis ou recicláveis. Agindo sempre dessa forma, evitaremos o desperdício, diminuiremos o lixo que geramos e ainda economizaremos nosso dinheiro”.

Eglé Novaes Teixeira possui graduação em Engenharia Civil pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, mestrado em Engenharia Agrícola pela mesma instituição, doutorado em Engenharia Civil pela Universidade de São Paulo e é livre docente na área de Resíduos sólidos também pela Unicamp, onde é professora.

Confira a entrevista.

**IHU On-Line – Em que sentido Fernando de Noronha pode ser apontado como o “paraíso do lixo”? Quais os fatores que favorecem o aumento do lixo no local?**

**Eglé Novaes Teixeira** – Paraiso do lixo é redundante e exagero. O que acontece é que Fernando de Noronha é uma ilha e depende de tudo do continente, inclusive para dispor seu resíduo. Quando a coleta e transporte deixam a desejar, a ilha transforma-se no “paraíso do lixo”, ou seja, fica lixo disposto inadequadamente. Quanto ao aumento de lixo no local, afora o turismo, é o próprio estilo de vida atual, com muito descartável, muita embalagem, que a natureza não consegue eliminar (não podemos esquecer a grande quantidade de lixo gerada por pessoa). Para diminuir este efeito, só com a conscientização de todos para, além de dispor o lixo no local adequado, pensar antes de comprar se há

realmente necessidade dessa compra, pois tudo o que se compra, de uma forma ou de outra, gera lixo. Temos que minimizar a geração, começando pela redução na fonte, ou seja, não gerando o lixo e, se este for inevitável, gerar menos, evitando o desperdício.

**IHU On-Line – Qual a importância das usinas de compostagem em relação ao papel de transformar o resíduo orgânico em adubo?**

**Eglé Novaes Teixeira** – Para transformar lixo em adubo, em escala maior, as usinas de compostagem são a única opção. A população pode fazer o composto (adubo feito a partir de resíduo orgânico, via compostagem) em casa, via compostagem caseira. Mas em termos de município, só através de usina de compostagem (também chamadas de unidades de compostagem). A grande vantagem da compostagem é que reduz a quantidade

de resíduo que tem que ser disposta (é a parcela transformada em adubo que retorna ao solo, deixando de ir ao aterro). Mas para que seja efetivamente útil, deve-se ter mercado para o composto, ou seja, área agrícola próxima, com capacidade para absorver o composto. Não se pode esquecer que após o período inicial, da formação do primeiro composto, tem-se que dispor o composto diariamente, em quantidade igual a aproximadamente 50 ou 60% da matéria orgânica que está entrando na usina. Tem que haver plantações capazes de receber o adubo diariamente (claro, tem que ser mais de um tipo de plantação, já que cada uma não consegue ser adubada todos os 365 dias do ano).

**IHU On-Line – Quais os maiores problemas que envolvem os grandes lixões a céu aberto? Que alternativas se colocam a eles?**

**Eglé Novaes Teixeira** – O grande problema dos lixões a céu aberto é que eles geram todos os tipos de contaminação: contaminam o ar (gases voláteis e quando da queima indiscriminada), contaminam o solo com o próprio resíduo e com o chorume (líquido proveniente da decomposição da matéria orgânica mais a água proveniente da umidade do lixo e da chuva principalmente), contaminam as águas subterrânea e superficial (com o chorume se infiltrando e/ou escoando superficialmente). São focos de doenças, pois oferecem abrigo e alimento a vetores (ratos, baratas, escorpiões, além de animais de maior porte e o próprio homem) que são veículos que proliferam doenças. Ainda são esteticamente fonte de poluição visual. A alternativa ao lixão é a disposição e o tratamento ambientalmente adequados do resíduo, onde se podem citar o aterro sanitário, a compostagem, a reciclagem e mesmo um sistema de incineração (envolve, além do forno, processos de tratamento dos gases, da água gerada neste tratamento dos gases, a disposição adequada das cinzas e dos resíduos provenientes do tratamento dos gases e da água). Atualmente, não se deve mais pensar em apenas em um tipo de tratamento, mas em um sistema integrado de tratamento do lixo, onde cada tipo de resíduo recebe o tratamento mais adequado.

**IHU On-Line – Qual seria o melhor destino, em sua opinião, para os resíduos sólidos do lixo doméstico?**

**Eglé Novaes Teixeira** – O sistema integrado de tratamento de resíduos citado na questão anterior. Assim, o resíduo reciclável deve ser encaminhado à reciclagem; a matéria orgânica, se possível e na quantidade em que é possível utilizar o composto, deve ser encaminhada à compostagem. A matéria orgânica não possível de ser compostada, juntamente com varrição, resíduo da limpeza de boca de lobos e galerias de águas pluviais, deve ser encaminhada a um aterro sanitário. O resíduo de construção civil deve ser segregado e aquela parcela passível de ser reciclada na construção civil deve ser encaminhada para reciclagem. A parcela de resíduo perigoso (tintas solventes, etc.) deve ser

encaminhada para aterros de resíduos perigosos ou incineração. A parcela de resíduo comum (plástico, papel, papelão, matéria orgânica) deve ser disposta como os resíduos que o compõe (recicláveis e orgânicos) e a parcela que não é perigosa e nem reciclável deve ser encaminhada a aterros de resíduos da construção civil. O resíduo de serviços de saúde deve ser separado e o infeccioso deve ser desinfetado (autoclavagem<sup>1</sup> ou micro-ondas, principalmente) ou incinerado; o comum, assim disposto; o resíduo químico deve ser encaminhado para incineração e/ou recuperação. Enfim, cada tipo de resíduo deve ter o tratamento mais adequado às suas características e de forma a não poluir e nem contaminar o ambiente.

**IHU On-Line – Como a senhora vê a proposta da criação de usinas de incineração de lixo para a geração de energia elétrica?**

**Eglé Novaes Teixeira** – A incineração só é aceitável hoje se for feita por meio de um sistema de incineração, ou seja, o resíduo deve ser bem conhecido para poder entrar no sistema e, dessa forma, o sistema deve ter processos de tratamento para eliminar ou reduzir a índices aceitáveis pela legislação para lançamento todos os tipos de gases a serem gerados com a queima controlada desse resíduo. Se no tratamento dos gases for utilizada água (como nos lavadores de gases, por exemplo), a água resultante do tratamento, com as impurezas resultantes da limpeza dos gases, deve ser também tratada. Os sólidos gerados em todo o sistema de incineração (cinzas e escórias geradas no forno, particulados e precipitados gerados no tratamento dos gases, e lodos gerados no tratamento de eventual água) devem ser dispostos adequadamente em função de suas características (se perigosos, em aterros de resíduos perigosos e se inertes, em aterros de inertes). Dessa forma, o sistema de incineração é aceitável, pois além de não poluir ainda permite a recuperação energética, usual-

<sup>1</sup> Autoclave é um aparelho utilizado para esterilizar artigos através do calor úmido sob pressão, inventado pelo auxiliar de Louis Pasteur e inventor Charles Chamberland. (Nota da IHU On-Line)

mente empregada para gerar energia elétrica. Nos países frios, essa prática também é usada para calefação de ambientes. O único problema desse tipo de tratamento é obviamente o seu custo. Por isso é que o sistema de incineração só é adotado quando as demais opções são inviabilizadas (por exemplo, não haver área disponível e adequada para aterro sanitário). Usar a incineração apenas para gerar energia não tem sentido. Deve ser usada para tratar resíduos, aproveitando a energia.

**IHU On-Line – Que análise a senhora faz da Política Nacional de Resíduos Sólidos – PNRS?**

**Eglé Novaes Teixeira** – A PNRS, tão esperada e desejada, finalmente chegou. Acredito que vamos ter uma melhora significativa na disposição de resíduo gerado e teremos, acredito, implantada a logística reversa para mais tipos de resíduos além dos obrigatórios pela PNRS (esta permite e abre espaço para que outros setores adotem a logística reversa, desde que de comum acordo), pois esta é, no final das contas, interessante ao setor produtivo. O que gostaria que tivesse tido mais ênfase é a redução na fonte de resíduo (é citada, mas gostaria que fosse mais incisiva).

**IHU On-Line – Gostaria de acrescentar mais algum comentário sobre o tema?**

**Eglé Novaes Teixeira** – Sim. Gostaria de que todos os leitores sensibilizassem e se conscientizassem que nossos hábitos, como estão hoje, nos conduzirão a um mundo de lixo. Temos que mudar nossos hábitos, passando a gerar menos resíduo, pensando e consumindo de forma consciente. Antes de fazermos uma compra, devemos nos perguntar: preciso realmente deste bem ou coisa? O que tenho não dá para ser ainda usado? Preciso comprar tanto? Não posso diminuir a quantidade que estou comprando? Vou poder aproveitar tudo que estou comprando? Se realmente tivermos que fazer a compra, devemos optar por produtos que sejam reutilizáveis ou recicláveis. Agindo sempre desta forma, evitaremos o desperdício, diminuiremos o lixo que geramos e ainda economizaremos nosso dinheiro.

# Na luta pela mudança do padrão de produção

“O importante é saber de quem é a responsabilidade pelo rejeito que vai parar no lixão ou no aterro. Quem paga pelo rejeito ir até lá? Somos nós ou o fabricante tem a sua responsabilidade?”, questiona Elisabeth Grimberg

POR GRAZIELA WOLFART E MÁRCIA JUNGES

“**F**ala-se muito de que é preciso reduzir o consumo. Mas as pessoas não têm opção de adquirir produtos em recipientes retornáveis, como o vidro, que pode ser reutilizável e para a mesma finalidade”. A reflexão é da coordenadora executiva do Instituto Pólis, Elisabeth Grimberg. Em entrevista concedida por telefone à **IHU On-Line** ela fala também sobre o conceito de “obsolescência programada”, que é quando os produtos já são feitos para terem uma vida útil curta. “Isso tudo começou depois da crise de 1929, afinal era preciso produzir mais para gerar mais consumo, o que ajudaria a sair da crise. Por questões do sistema capitalista em que vivemos, para se ter lucro foi instituído um padrão de produção descar-

tável, em os produtos tenham curta vida útil para aumentar a velocidade do consumo. Como os recursos do planeta são escassos, isso tem que ser redefinido, o que não pode ser dissociado de uma discussão muito mais profunda e ampla, envolvendo o próprio modelo de desenvolvimento que temos”, destaca.

Elisabeth Grimberg é coordenadora executiva do Instituto Pólis e da área de resíduos sólidos. Também compõe a coordenação do Fórum Lixo e Cidadania da Cidade da Cidade de São Paulo e a coordenação da Coalizão Nacional contra a Incineração de Lixo. É mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

Confira a entrevista.

**IHU On-Line – Qual sua opinião sobre a captação de biogás como uma das possibilidades de se lucrar com o lixo, que o mercado de carbono abre para as empresas do setor?**

**Elisabeth Grimberg** – O uso do biodigestor para captar metano pode ser uma boa solução para o resíduo úmido, tendo como subproduto – ao aproveitar o processamento desse resíduo – a geração tanto de adubo quanto da captura do metano, gerando energia. Esse é o aspecto central. Trata-se de uma boa solução tecnológica para o resíduo úmido, sobras de alimentos, e tem esse subproduto, que é a captação do metano para a geração de energia. Será preciso, sim,

implantar um sistema de coleta domiciliar diferenciada eficiente, em que não se misture resíduos secos (recicláveis), úmidos e rejeitos no momento do descarte.

**IHU On-Line – De forma geral, qual sua avaliação sobre a Política Nacional de Resíduos Sólidos – PNRS? Quais os principais avanços e limites?**

**Elisabeth Grimberg** – O fato da PNRS ter sido aprovada e já regulamentada em 2010 por si só já é uma conquista em termos de construção compartilhada com atores da sociedade civil. Foram 19 anos de luta para que isso se efetivasse. Além disso, há

avanços em termos de gestão e destinação de resíduos: a introdução de novos atores na questão da responsabilidade pela gestão dos resíduos. Aqui me refiro a responsabilização do fabricante, do importador, do distribuidor e do comerciante pelo custeio da coleta seletiva dos resíduos secos domiciliares, além dos seis resíduos especiais tais como pilhas, baterias, eletroeletrônicos, lâmpadas fluorescentes, pneus etc. Outro avanço é que os municípios que construírem políticas e formas de estruturar a rede de catadores terão acesso a recursos da União em função dessa integração dos catadores, outro ator central para a implantação de um novo pa-

drão de destinação de resíduos sólidos, reconhecido pela nova lei como estratégico.

**IHU On-Line – Como vê a possibilidade de adiar as metas da Política Nacional de Resíduos Sólidos – PNRS, anunciada recentemente pelo governo federal (<http://bit.ly/UTd6yV>)?**

**Elisabeth Grimberg** – Essa possibilidade de adiamento das metas envolvendo a erradicação dos lixões até 2014 é bastante grave, porque eu considero um desestímulo à busca da capacitação e de todos os mecanismos que viabilizariam a implementação de um novo paradigma de gestão, que a política traz claramente indicado e instituído. Adiar as metas torna lento o processo, fazendo com que tanto o setor privado como o setor público não se apresse mais em implantar um modelo tecnológico voltado para a recuperação integral dos resíduos passíveis de reaproveitamento, que representa 90% do total gerado.

**IHU On-Line – Menos de 10% das cidades entregaram seus Planos Municipais de Gestão Integrada de Resíduos – PMGIRS e, por consequência, segundo a lei, não podem receber verbas federais. Qual é a alternativa?**

**Elisabeth Grimberg** – O PMGIRS é realmente importante, pois traz uma série de elementos estruturantes de uma política que permitirá uma ação planejada, otimizando recursos e integrando o conjunto de atores envolvidos na cadeia – a administração municipal, o setor empresarial, os catadores e a própria população, o que deverá garantir resultados positivos. No entanto, o fato de apenas 10% dos municípios terem feito seus planos não pode ser uma razão suficiente para suspender a meta para o fechamento de lixões e para só serem destinados rejeitos nos aterros sanitários até 2014, porque os outros 90% de resíduos podem ser aproveitados na cadeia da compostagem, da biodigestão, da reciclagem, como dito acima.

Não ter acesso aos recursos da União pode ser interessante para os municípios se agilizarem, se movimentarem e procurarem formas de fazer a “lição de casa” e, então, receber esses valores.

**IHU On-Line – Quais os desafios que se colocam à adesão dos municípios à coleta seletiva dos resíduos úmidos domiciliares?**

**Elisabeth Grimberg** – A coleta seletiva é a coleta dos resíduos separados em três categorias: úmido, seco e rejeito. Em média, 60% dos resíduos é úmido. É atribuição da prefeitura estabelecer como funcionará o sistema de coleta seletiva de todos os tipos de resíduos, mas não de operar a coleta de todos os resíduos. Sua responsabilidade é a coleta diferenciada do resíduo úmido. Já o custeio da coleta dos resíduos secos é atribuição dos fabricantes, importadores, distribuidores e comerciantes, que poderão remunerar a prefeitura para tal, o que está previsto no parágrafo sétimo do Artigo 33 da lei. Dito isso, a dificuldade dos municípios está na necessidade de uma maior apropriação e conhecimento de modelos tecnológicos existentes, como a combinação da biodigestão e da compostagem. E o rejeito é uma fração dos resíduos que, se submetido a uma análise mais detalhada, pode perfeitamente identificar quem são os fabricantes destes produtos e, portanto, de quem é a responsabilidade pelo rejeito, permitindo também o rateio do custo de sua destinação para aterros sanitários. Quem deve pagar pelo rejeito ir até lá? O munícipe ou o fabricante tem a sua responsabilidade?

**IHU On-Line – O que é preciso para as empresas e a sociedade repensarem o chamado “padrão de produção” tendo em conta o problema do lixo? O que está em jogo aqui?**

**Elisabeth Grimberg** – Isso é bem importante. Fala-se muito de que é preciso reduzir o consumo. Mas as pessoas não têm opção de

adquirir produtos em recipientes retornáveis, como o vidro, que pode ser reutilizável e para a mesma finalidade. Outra coisa envolvida aqui é a chamada obsolescência programada: os produtos já são feitos para terem uma vida útil curta. Isso tudo começou depois da crise de 1929, afinal era preciso produzir mais, para gerar mais consumo, o que ajudaria a sair da crise. Por questões do sistema capitalista em que vivemos, para se ter lucro, foi preciso mudar o padrão de produção para o padrão descartável a fim de se poder consumir com mais velocidade. Isso teria hoje que ser redefinido, o que não pode ser dissociado de uma discussão muito mais profunda e ampla, envolvendo o próprio modelo de desenvolvimento que temos.

**IHU On-Line – O que deve mudar em relação à cultura política que rege a gestão de resíduos? O que é preciso para deixarmos de tratar resíduos reaproveitáveis como lixo?**

**Elisabeth Grimberg** – Não podemos esquecer que a economia não anda separada das decisões políticas. O “padrão de produção” é formado por empresas envolvidas na produção, distribuição etc. que funcionam segundo normas definidas pelo Estado, que por sua vez pode exigir outras formas de atuação do mercado de maneira a garantir uma linha de produção ambientalmente sustentável.

## Leia mais...

>> Elisabeth Grimberg já concedeu

outra entrevista à IHU On-Line.

Confira:

- *Política Nacional de Resíduos Sólidos: a responsabilidade é coletiva.*

Entrevista publicada no sítio do IHU em 28-05-2012, disponível em <http://bit.ly/MVnKxS>

# Conscientização ambiental e sensibilização diante do lixo

Segundo Carlos Silva Filho, a geração de resíduos está intrinsecamente relacionada com o desenvolvimento econômico

POR GRAZIELA WOLFART

**A**o avaliar a destinação dada pelos municípios brasileiros a seus resíduos sólidos, o diretor executivo da Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais – Abrelpe, Carlos Roberto Vieira da Silva Filho, considera que, no Brasil, ainda temos um sistema de país subdesenvolvido. “Sofremos com um grande volume de resíduos com destinação inadequada e com a falta de diversificação de opções de destinação que privilegiem o aproveitamento dos resíduos”. Para ele, os aterros sanitários ainda são a alternativa de melhor custo/benefício em relação à destinação do lixo. Porém, explica, na entrevista que concedeu por e-mail à **IHU On-Line**, “com a vigência da Política Nacional de Resíduos Sólidos não pode mais ser considerada como a única ou a melhor

alternativa. É preciso buscar novos sistemas e tecnologias para prover a recuperação dos materiais contidos nos resíduos antes da sua disposição final. Vale lembrar, também, que em qualquer sistema escolhido o aterro sanitário será sempre necessário”.

Carlos Roberto Vieira da Silva Filho é advogado pós-graduado em Direito Administrativo e Econômico pela Universidade Mackenzie. Diretor executivo da Abrelpe, é também secretário executivo da Rede Ibero-Americana de Resíduos Sólidos, firmada entre entidades do Brasil, Argentina, Portugal e Espanha, além de coordenador da regional latino-americana da International Solid Waste Association – ISWA.

Confira a entrevista.

**IHU On-Line – Para onde vai o lixo produzido no Brasil? O que é feito com ele?**

**Carlos Silva Filho** – Os resíduos sólidos precisam ter uma destinação adequada para não causarem impactos negativos ao meio ambiente e à saúde pública. No Brasil ainda estamos avançando nessa direção. De acordo com dados da Abrelpe divulgados em meados de 2012, 58% dos resíduos urbanos gerados no país têm destinação adequada em aterros sanitários. Os outros 42% infelizmente ainda vão para lixões e aterros controlados que, por não possuírem medidas de proteção ambiental, degradam o meio ambiente.

**IHU On-Line – Como o senhor avalia, de modo geral, a destinação dada pelos municípios brasileiros a seus resíduos sólidos?**

**Carlos Silva Filho** – Ainda é um sistema de país subdesenvolvido. Sofremos com um grande volume de resíduos com destinação inadequada e com a falta de diversificação de opções de destinação que privilegiem o aproveitamento dos resíduos.

**IHU On-Line – Qual sua opinião sobre a instalação de aterros sanitários nas cidades brasileiras? Essa é a melhor alternativa ao destino do lixo produzido por nossa sociedade?**

**Carlos Silva Filho** – Ainda é a alternativa de melhor custo/benefício, pois as cidades sofrem com a falta de recursos. Porém, com a vigência da Política Nacional de Resíduos Sólidos, não pode mais ser considerada como a única ou a melhor alternativa. É preciso buscar novos sistemas e tecnologias para prover a recuperação dos materiais contidos nos resíduos antes da sua disposição final. Vale lembrar, também, que em qualquer sistema escolhido o aterro sanitário será sempre necessário.

**IHU On-Line – O que é preciso para criar um aterro sanitário? E quanto tempo leva?**

**Carlos Silva Filho** – Primeiro precisa ter uma área adequada. Superada essa etapa encaminha-se o processo de licenciamento ambiental, no qual são apresentados estudos e debatida com a sociedade a instalação do empreendimento. Recebida a aprovação inicia-se a sua construção para só depois entrar em operação. O prazo é bastante extenso em virtude da necessidade de cumprimento de cada etapa.

**IHU On-Line** – A seu ver, quais as perspectivas para o atingimento das metas do Plano Nacional de Resíduos Sólidos – PNRS? Quais estão mais próximas e mais longe de serem implementadas?

**Carlos Silva Filho** – As perspectivas são bastante positivas, pois a sociedade está engajada nessa direção. Porém, para que sejam cumpridas, é necessária a mudança de hábitos e comportamentos, o que leva tempo. Acredito que a meta de destinação adequada e a de implantação de coleta seletiva sejam as mais fáceis e rápidas de serem cumpridas. Metas de redução na geração e, até mesmo, de índices de reciclagem estão mais distantes por conta do nosso atraso histórico e demandam mais tempo por conta da necessidade de disponibilização de novas infraestruturas.

“Ainda estamos muito distantes de termos políticas públicas efetivas para resíduos sólidos. O tema não é prioridade”

**IHU On-Line** – Quais os lugares do Brasil em que os desafios em relação ao lixo são maiores?

**Carlos Silva Filho** – Temos notado déficit maior nas regiões Norte e Centro-oeste, se formos considerar os números do Panorama 2011. No entanto, a região Nordeste, em virtude do contingente populacional, demanda uma atenção especial.

**IHU On-Line** – Como entender que a produção de lixo aumenta mais do que a população brasileira? Que relação pode ser estabelecida aqui entre a produção de lixo e o estímulo ao consumo?

**Carlos Silva Filho** – A geração de resíduos está intrinsecamente relacionada com o desenvolvimento econômico. À medida que melhoram

as condições econômicas do país e se aumenta o poder aquisitivo da população temos um maior consumo e diretamente um maior descarte de resíduos.

**IHU On-Line** – De que forma as políticas públicas refletem a problemática do lixo em nossas cidades?

**Carlos Silva Filho** – Ainda estamos muito distantes de termos políticas públicas efetivas para resíduos sólidos. O tema não é prioridade nas agendas dos administradores públicos.

**IHU On-Line** – Qual a importância de se criar uma taxa básica que aumente, por exemplo, se a pessoa não separa os recicláveis, mas diminua se o fizer?

**Carlos Silva Filho** – É uma medida de grande importância e efetividade para se incentivar uma redução na geração de resíduos e para obter recursos vinculados e destiná-los a promover avanços no setor.

**IHU On-Line** – Que outras iniciativas podem envolver o cidadão comum em relação à busca de soluções para o problema do lixo?

**Carlos Silva Filho** – Ações de conscientização ambiental e de comunicação para sensibilização a essa problemática dos resíduos sólidos fazem parte desse conjunto de ações primordiais para serem implementadas.

LEIA OS CADERNOS IHU

NO SITE DO IHU

WWW.IHU.UNISINOS.BR

# Lixo, uma mina de ouro?

Visando auxiliar o desenvolvimento consciente do meio ambiente, o Instituto Humanitas Unisinos – IHU apoia projetos de associações como a de reciclagem Aturoi (Associação de Trabalhadores Urbanos de Resíduos Orgânicos e Inorgânicos) e de higienização Mundo Mais Limpo. Nesse sentido, não há como abordar a questão do lixo sem analisar essas duas associações e perceber como elas lidam com o lixo – e/ou com o reciclável – e com a questão da higienização local. Para isso, a **IHU On-Line** conversou com alguns associados da Aturoi, com sede no Bairro Vicentina, em São Leopoldo/RS e do Mundo Mais Limpo, da Vila São Jorge, de São Leopoldo, para saber como eles lidam com este tipo de trabalho cotidianamente.

POR THAMIRIS MAGALHÃES E GRAZIELA WOLFART



O lixo gerado pela população tem aumentado em uma escala assustadora. O mundo passa por uma necessidade de conscientização e mobilização demasiada. Nesse sentido, reduzir nada mais é do que o consumo consciente; pensar bem antes de comprar. Reciclar é transformar um produto-resíduo em outro, visando poupar os recursos naturais que seriam extraídos do meio ambiente. E é nesse sentido que surgem

associações como a Aturoi, localizada no Bairro Vicentina, em São Leopoldo/RS, que do material reciclado extraem suas fontes de renda mensais e seus modos de sobrevivência diários.

Com o objetivo de explicar um pouco mais sobre o trabalho da associação Aturoi, o vice-presidente José Alencar Ponciano Pereira conversou pessoalmente com a **IHU On-Line** e explicou o funcionamento de suas atividades na associação.

## A associação de reciclagem Aturoi

A associação de reciclagem Aturoi – incubada do Tecnosociais (incubadora de empreendimentos econômicos solidários), que é um programa vinculado à ação social da Unisinos e ao Instituto Humanitas Unisinos – IHU existe há sete anos, mas os associados trabalham organizados desde 2003, porque eles iniciaram no movimento social. “Nós viemos do Movimento dos Trabalhadores Desempregados – MTD. Então, dentro do movimento a gente aprende a se organizar e trabalhar de forma coletiva. Isso foi um avanço muito grande para nós, de chegarmos aonde chegamos hoje”, diz José Alencar Ponciano Pereira, mais conhecido como “Dico”, vice-presidente da Aturoi.

## O trabalho diário com o lixo e o reconhecimento dos agentes ambientais

Questionado sobre como se sente na cidade de São Leopoldo lidando cotidianamente com o lixo, Dico avalia que, hoje, a realidade e a convivência com a população em São Leopoldo é diferente de alguns anos atrás. “Quando começamos em 2003, nós não éramos vistos como trabalhadores. Éramos vistos e taxados como vagabundos. Isso porque já trabalhávamos organizados, mas também tinham os catadores autônomos. Então, as pessoas rasgavam sacolinhas de lixo, sujavam tudo na frente da casa das pessoas. A população via num todo. Até então, eles não sabiam que existiam grupos organizados e catadores autônomos. Para eles, era tudo lixeiro, catador, vagabundo, que não queria trabalhar. Em 2005, isso muda. Quando as pessoas começam a ver a nossa organização como um

movimento, essa situação se alterou”, frisa. Atualmente, sete anos depois, eles são vistos de maneira diferente em São Leopoldo. “O catador organizado é visto como trabalhador. Conseguimos evoluir muito nessa questão de classe. Hoje somos reconhecidos como agentes ambientais. Além disso, a população de São Leopoldo está se conscientizando e muitos fazem visitas a nosso galpão para ver a forma como trabalhamos”, conta.

## Funcionamento do trabalho

Os associados da Aturoi têm uma coleta seletiva mecanizada na cidade. “Existe uma empresa privada de limpeza que faz o recolhimento e a coleta para nós. Antes, éramos nós que fazíamos este trabalho: a coleta porta a porta. Então, éramos mais reconhecidos na população, porque éramos nós que estávamos ali no dia a dia.

Hoje não. Ficamos dentro do galpão e a empresa faz a coleta. Quando as pessoas querem saber alguma coisa, como que tipo de material nos mandar, eles telefonam e às vezes vão fazer uma visita, até mesmo para conhecer o nosso espaço de trabalho”, explica. Dico assinala que o caminhão passa atendendo todos os bairros da cidade diariamente. “Depois que fazem a coleta, levam o material até o galpão e lá fazemos a parte da triagem. Depois enfardamos e, então, o produto já está pronto para a venda.” Hoje, eles fazem venda semanal. “Nosso galpão pegou fogo ano passado e queimou todo um trabalho de oito anos. Hoje estamos recomeçando, mas de forma bem organizada. Somos 17 pessoas trabalhando nesta associação, em 13 famílias”.

### Visão das pessoas que olham para o catador

Quem conhece os associados da Aturoi e reconhece as suas trajetórias de trabalho elogia-os porque as suas ideias são de tirar o catador da rua. “Isso para a cidade de São Leopoldo será uma conquista muito grande, porque é difícil tirar o catador da rua e trazê-lo para dentro de uma organização. Porque o autônomo, trabalhando sozinho na rua, consegue em salário alcançar mais do que dentro de uma entidade. Por isso que está difícil trazer esses catadores para nossa associação. Atualmente conseguimos mostrar para a população que nós, mesmo sendo catadores, se tivermos um espaço de formação, temos condições de tocar um projeto de coleta seletiva dentro do município. Então, estamos trabalhando nisto: tirar o catador da rua, integrá-lo junto da gente para fortalecer o nosso movimento em São Leopoldo”, pondera Dico.

### Vivendo daquilo que as pessoas descartam

É muito bom viver do que as pessoas consideram lixo, segundo José Alencar Ponciano Pereira. Ele explica que as pessoas descartam muita coisa boa. “Encontramos celulares, roupas, calçados por exemplo. Então, vemos muita coisa boa que reaproveitamos. O que para muitos é lixo, para nós é útil, porque começamos a utilizar essas coisas no dia a dia”. A empreitada mais difícil que os associados da Aturoi estão tendo hoje é a conscientização

das pessoas. “Claro que também temos erros”, admite Dico. Segundo ele, não há como culpar apenas a população na questão de reciclar o seu lixo e destiná-lo para o local certo. “A última conscientização que fizemos foi há três anos e as pessoas acabam esquecendo. Então, agora estamos retornando com essa atividade de conscientizar a população. Ademais, essa divulgação é necessária, porque as pessoas, muitas vezes, não têm paciência e/ou tempo para separar o seu lixo. Mas é uma coisa fácil de fazer”, avalia.

Ainda este ano, os associados irão começar a fazer um trabalho de conscientização em todos os bairros de São Leopoldo. “Vamos conversar com as pessoas, explicar qual o destino que damos para o material reciclado, uma vez que tem muita gente que acha que nós trabalhamos e a prefeitura ganha o dinheiro. É bem o contrário. A prefeitura entra apenas com os gastos. Na realidade, o lucro do material é todo dividido entre nós, os associados”, esclarece Dico. Na realidade, “queremos mudar a visão das pessoas, porque política é uma coisa e trabalho ou projeto social é outra. Além disso, queremos mostrar para a sociedade que o material deles está beneficiando mais de 200 famílias”.

### Processos do lixo

Logo depois que os associados reciclam o lixo, eles vendem para o atravessador, que paga o preço que quiser para eles pelo material. “Mas até ano que vem queremos terminar com isso, porque quando montamos uma cooperativa ou uma associação queremos ser independentes para valorizar mais o nosso produto, aumentando o valor, a renda dos associados e, conseqüentemente, gerar mais emprego. Ano que vem já almejamos ser uma cooperativa”, almeja Dico.

Para Juliete Ponciano Pereira, associada da Aturoi há cinco anos, há muita coisa boa que eles encontram no lixo. “Muitas vezes a maioria das pessoas que trabalha no galpão depende apenas deste serviço e, às vezes, encontramos até dinheiro. Esses dias encontrei um perfume”, lembra.

### Lixo como reflexo da sociedade e como mina de ouro

A partir do lixo, podem-se tirar algumas conclusões de como perce-

bemos a sociedade. “As pessoas consomem bastante. E isso se reflete no lixo”, conta.

Hoje, todas as embalagens são recicláveis. “Portanto, conseguimos reutilizar coisas que antes iam para o aterro. Isso é bem legal”. Os associados chamam o lixo de mina de ouro, “que, na realidade, é uma mina de outro”. Isso porque antigamente ninguém colocava a mão no lixo. “Todo mundo tinha nojo. Hoje vemos pessoas que têm dinheiro abrindo reciclagem, porque sabem que este ciclo está muito grande. E tem muito lixo em São Leopoldo”, avalia Dico.

“Ainda hoje apenas 30 ou 40% da população de São Leopoldo separa seu lixo. Então, temos muito trabalho pela frente”. Para o associado, quando eles conseguirem atingir, no mínimo, 80% da população separando seu material, destinando-o para o lugar certo, eles ficarão satisfeitos. “E assim conseguiremos tirar o catador da rua, porque o único jeito de tirá-lo de lá é fazer com que as pessoas não coloquem material na rua, esperando o caminhão passar e entregando diretamente para ele. É claro que isso não quer dizer que não estamos querendo dar trabalho para o catador. Pelo contrário. A ideia é agregá-los a nós para que o movimento se fortaleça, para que consigamos ter mais conquistas dentro da nossa organização. Para isso, esses catadores terão que se agregar”. E finaliza: “queremos fazer da coleta seletiva de São Leopoldo uma coleta modelo”.

## Leia mais...

Dico já concedeu outra entrevista à

**IHU On-Line**. Confira:

- *Trabalho coletivo e opção de futuro.*

*O depoimento de um catador.* Entrevista publicada na Revista **IHU On-Line**, edição 390, de 30-04-2012, disponível em <http://migre.me/c87um>.

Saiba mais sobre a trajetória de Dico em <http://bit.ly/IISfDF>

# Por um “Mundo Mais Limpo”

POR THAMIRIS MAGALHÃES E GRAZIELA WOLFART

Aquele óleo que sobra na panela e é despejado no ralo da cozinha contamina o equivalente a um milhão de litros d'água. Um litro dele pode fazer o maior estrago. Você sabia disso? Mas se em vez de se desfazer dele houvesse um armazenamento para que fosse reaproveitado, este simples ato pode, além de ajudar o meio ambiente, dar renda para muitas pessoas, como as da associação Mundo Mais Limpo, de São Leopoldo. O projeto, que iniciou em 2007, reaproveita aquilo que não teria mais uso. Com

o óleo vegetal recolhido pela prefeitura as donas de casa fabricam sabão, detergente, desinfetante e amaciante, que são vendidos para mercados, de porta em porta ou para outros estabelecimentos comerciais.

Com o objetivo de explicar um pouco mais sobre o trabalho da associação Mundo Mais Limpo, percebendo como fazem o movimento do lixo para o limpo, a funcionária Deise Fernanda de Oliveira conversou por telefone com a **IHU On-Line** e explicou como funcionam suas atividades na associação.

## Como tudo começou

Os associados do Mundo Mais Limpo, projeto desenvolvido na Vila São Jorge, em São Leopoldo/RS, utilizam material reciclado para fazerem produtos de higienização com o azeite. E a Unisinos, encubou-os, oferecendo-lhes assistência técnica e ajudando a associação a aprimorar a receita do sabão. “O Mundo Mais Limpo existe há oito anos. Hoje somos 12 mulheres trabalhando nesta associação”, explica Deise.

## Por que trabalhar com o azeite

Refletindo sobre a poluição que se deu no Rio dos Sinos há cinco anos, causando a mortandade de muitos peixes, as mulheres que trabalhavam na associação resolveram utilizar óleo de cozinha para produzirem material de higienização, afinal, o óleo é um dos maiores poluentes de rios e lagos. “Então, fizemos as receitas por nós mesmas. A partir dessas receitas, conseguimos fazer o sabão. Além disso, fizemos cursos, em parceria com a Unisinos, para aprimorar nossos conhecimentos”, conta Deise. E continua: “Percebemos que uma das principais poluições é a do azeite derramado em pias ou jogado no lixo, que

derrama no chão e, quando vemos, derrama na grama, nas lixeiras e assim por diante, o que vai poluindo todo o meio ambiente”.

O trabalho das mulheres da associação Mundo Mais Limpo tem muito a ver com a higiene e a limpeza. “Porque azeite polui. Uma colher já polui muito. E o azeite nós ganhamos das pessoas que vão recolher nas casas e restaurantes, ou que enviam para nós. Então, coamos esse material e deixamos em uma bomba. Posteriormente o utilizamos para fazer sabão”, frisa a funcionária.

## Desafios

Segundo Deise, a venda dos produtos e a queda na doação de óleo usado são os principais desafios que elas enfrentam no trabalho. “Antigamente recebíamos bastante óleo. Agora não sei o que estão fazendo para estarmos tendo tão pouca doação”.

E ela relata os percalços da venda de casa em casa: “Tem empresas que compram. Para elas vendemos bem. Mas onde mais vendemos são nas casas por onde passamos. Por isso que queremos ser uma cooperativa, para

podermos ter nota fiscal”, assinala a associada. Como elas ainda são uma associação, o que mais prejudica seus trabalhos é o fato de não possuírem nota, “porque há pessoas que querem 500 sabões, por exemplo, e nós não temos como mandar, porque devemos enviar junto nota fiscal. Temos a expectativa de ano que vem conseguirmos”.

## Movimento do lixo para o limpo

A experiência de utilizar material que as pessoas descartam para fazer produtos de higienização é muito boa, diz Deise, pois elas aprendem muito. “Eu, por exemplo, era uma que jogava o azeite na pia, não sabia onde jogar e pensava que na água ele se dissolvia e ia embora. Agora penso de forma diferente. Creio que com o sabão e, por conseguinte, com o azeite podemos fazer inúmeras coisas”, expõe. E continua: “Então, para mim, foi uma experiência ótima, porque antigamente eu não dava muita bola para isso. Eu não sabia o que fazer com o azeite, separava apenas garrafa, vidro, papel e orgânicos. Hoje, adquiri a consciência ambiental”.

# Lixo: o segredo é o gerenciamento

As prefeituras continuam sendo responsáveis pela gestão dos resíduos urbanos, com a responsabilidade compartilhada com os municípios, instituições e empresas, esclarece Clóvis Benvenuto

POR GRAZIELA WOLFART

O presidente da Associação Brasileira de Resíduos Sólidos e Limpeza Pública – ABLP, Clóvis Benvenuto, defende que a população deve começar a pagar pelo serviço de coleta dos resíduos sólidos nos próximos anos. Para ele, “a prestação de serviços sem receita explícita própria fica sem apoio formal, de exclusiva decisão dos orçamentos dos prefeitos, de forma a dificultar o desenvolvimento do setor (em atividade considerada de saneamento básico e com essencialidade), de forma que, por não apresentar garantias de recebimentos vinculados aos serviços prestados, dificulta os financiamentos e investimentos”. E compara: “é semelhante à água e esgoto, onde pagamos pelos serviços prestados e temos um retorno mais palpável. O dinheiro do IPTU (dos resíduos) não fica vinculado à conta de gestão dos resíduos e serve

para as políticas dos prefeitos. Desvinculando do IPTU esses recursos devem ser aplicados no setor de resíduos e limpeza pública, contribuindo para uma gestão eficiente”. Na entrevista que concedeu por e-mail à **IHU On-Line**, ele considera que o tema lixo é polêmico e muito importante dentro do saneamento básico. “O segredo pode ser resumido em uma palavra: gerenciamento. Sem esse conceito fica difícil adotar técnicas generalistas com sucesso garantido”.

Clóvis Benvenuto é presidente da Associação Brasileira de Resíduos Sólidos e Limpeza Pública – ABLP. É formado em Engenharia Civil e é mestre em Engenharia de Solos pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo – USP.

Confira a entrevista.

**IHU On-Line – Acabar com os lixões no país até 2014 é um dos objetivos do Plano Nacional de Resíduos Sólidos – PNRS, aprovado em 2010. Como está esse processo?**

**Clóvis Benvenuto** – Algumas iniciativas estão sendo tomadas, mas a grande expectativa é referente à assunção dos novos prefeitos, pois em função das eleições, muitas coisas deixaram de ser feitas. Não temos estatística sobre esse assunto, porém a perspectiva de novos prefeitos, Copa das Confederações, Copa do Mundo e Olimpíadas deve produzir mudanças significativas.

**IHU On-Line – Que alternativa pode ser oferecida aos lixões a céu aberto?**

**Clóvis Benvenuto** – Os Planos de Gestão Municipal de Resíduos Sólidos é que devem definir as alternativas em função de cada estado, região, bacia e município. A reciclagem e os aterros sanitários (de acordo com as normas de aterros) são as alternativas gerais, além da inclusão social dos catadores. Algumas localidades isoladas têm optado por tratamentos térmicos, biometanização e tratamentos mecânico-biológicos, de acordo com as suas características. A composta-

gem ainda não foi viabilizada com a segurança da qualidade dos compostos, o que exigiria gerenciamento eficaz na separação da matéria orgânica. Os lixões deverão ser recuperados ambientalmente e não mais receber resíduos a partir de 2014.

**IHU On-Line – Em sua opinião, qual o papel das prefeituras em relação à gerência do destino do lixo? Como o governo federal pode ajudar na execução dos planos municipais?**

**Clóvis Benvenuto** – As prefeituras continuam sendo responsáveis pela gestão dos resíduos urbanos,

com a responsabilidade compartilhada com os municípios, instituições e empresas. São as prefeituras que deverão gerenciar todo o sistema definido pelos planos, inclusive levando em consideração os planos de gerenciamento das empresas. Os planos são peças jurídicas aprovadas pelas câmaras que viabilizarão os recursos federais e estaduais para as atividades e ações definidas neles. Acredito que surjam linhas de crédito e investimento para os municípios para subsidiar a execução desses planos, contratados às consultoras ou executados pelos próprios municípios. De outra forma, os prefeitos deverão provisionar recursos para essas atividades, dentro dos seus orçamentos.

**IHU On-Line – Por que o senhor defende que a população deve começar a pagar pelo serviço de coleta dos resíduos sólidos nos próximos anos? Isso já não está debitado no IPTU?**

**Clóvis Benvenuto** – A prestação de serviços sem receita explícita própria fica sem apoio formal, de exclusiva decisão dos orçamentos dos prefeitos, de forma a dificultar o desenvolvimento do setor (em atividade considerada de saneamento básico e com essencialidade), de forma que, por não apresentar garantias de recebimentos vinculados aos serviços prestados, dificulta os financiamentos e investimentos. É semelhante à água e esgoto, onde pagamos pelos serviços prestados e temos um retorno mais palpável. O dinheiro do IPTU (dos resíduos) não fica vinculado à conta de gestão dos resíduos e serve para as políticas dos prefeitos. Desvinculados do IPTU, esses recursos

## “Ainda não há nenhuma usina de incineração licenciada para resíduos domiciliares no Brasil”

devem ser aplicados no setor de resíduos e limpeza pública, contribuindo para uma gestão eficiente.

**IHU On-Line – Quais as vantagens e desvantagens do aterro sanitário como destino do lixo?**

**Clóvis Benvenuto** – É a alternativa em geral mais barata, mesmo considerando as proteções ambientais requeridas e os tratamentos de efluentes. Tem evoluído atualmente no mundo inclusive em consideração ao “desaterro sanitário”. Em países com dimensões continentais como o nosso é a solução que pode alcançar todos os lugares. Nos Estados Unidos cerca de 60% dos resíduos são aterros, 30% reciclados e 10% incinerados. No horizonte de planejamento centenário dos japoneses, é considerada técnica de tratamento de resíduos domiciliares (Matsufuji, 1994), mesmo considerando que os japoneses incineram mais de 70% dos seus resíduos. A maior desvantagem reside no fato de criar um volume espacial que fica por vários anos, geralmente

acima de 30 anos, e que não permite que se implante qualquer tipo de obra sobre a área. No entanto, com o tempo os resíduos se mineralizam e podem ser minerados, com utilização dos materiais para outros aterros, reciclagem, aproveitamento energético e recuperação da área com eliminação da fonte de poluentes. Isso está sendo feito nos Estados Unidos, inclusive com estudos detalhados de desaterro sanitário.

**IHU On-Line – Qual sua opinião sobre as alternativas que preveem a geração de energia a partir dos resíduos?**

**Clóvis Benvenuto** – A geração de energia a partir dos tratamentos térmicos é uma alternativa, porém de alto custo, que só se viabiliza em condições de PPPs (concessões maiores de 25 anos) e com venda casada de energia com valores de kWh superiores aos referentes à predominância de nossa matriz energética. Só se viabiliza em casos particulares de alguns municípios. Ainda não há nenhuma usina de incineração licenciada para resíduos domiciliares no Brasil, portanto nenhuma implantada. É assunto polêmico, porém essa decisão pertence aos planos de gestão e a conta dos custos precisa ser fechada.

**IHU On-Line – Gostaria de acrescentar mais algum comentário sobre o tema?**

**Clóvis Benvenuto** – O tema é polêmico e muito importante dentro do saneamento básico. O segredo pode ser resumido em uma palavra: gerenciamento. Sem esse conceito fica difícil adotar técnicas generalistas com sucesso garantido.

LEIA OS CADERNOS TEOLOGIA PÚBLICA  
NO SITE DO IHU  
WWW.IHU.UNISINOS.BR

Tema  
de  
Capa

**Destques  
da Semana**

IHU em  
Revista

## Livro da Semana

***As duas guerras de Vlado Herzog* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012)**

# O mito da morte de Vladimir Herzog

Se a versão do suicídio do jornalista nunca foi aceita, ainda falta saber sobre as verdadeiras circunstâncias de sua morte, pondera Audálio Dantes. A dose de tortura teria sido além do que Vlado poderia suportar, ou tratou-se de um ato deliberado para demonstrar força?

POR THAMIRIS MAGALHÃES E PATRICIA FACHIN

“**E**m nenhum momento acreditei na versão oficial do suicídio. Nem eu nem a maioria dos diretores do Sindicato dos Jornalistas. Ao final da sentença em que o juiz federal Márcio José de Moraes condenou a União pela prisão ilegal, tortura e morte de Vladimir Herzog, ele determina que o Estado apure as reais circunstâncias em que ocorreu a morte. É notável o fato de que nenhum governo, seja da ditadura que terminou em 1985 ou os que vieram depois, na vigência do regime democrático, tenha cumprido essa determinação judicial”, avalia o jornalista alagoano Audálio Dantes. Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, o autor de *As duas guerras de Vlado Herzog* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012) aborda questões que ainda não foram esclarecidas da morte Herzog, a atuação da Comissão da Verdade e o papel dos jornalistas na contemporaneidade.

Alagoano de Pau D’Arco, Audálio Dantes tem 80 anos e mais de 60 de jornalismo. Premiado pela Organização das Nações Unidas – ONU por sua atuação em defesa dos direitos humanos, integra o Conselho do Instituto Vladimir Herzog. Além do sindicato, presidiu a Federação Nacional dos Jornalistas e o Conselho da Fundação Cásper Líbero; foi vice-presidente da Associação Brasileira de Imprensa e deputado federal por São Paulo. Foi o líder dos jornalistas paulistas na resistência à ditadura militar e teve papel fundamental na resistência à ditadura naqueles trágicos dias do assassinato de Vlado Herzog. Foi dirigente sindical e deputado federal. Também é autor de *Tempo de reportagem: Histórias que marcaram época no jornalismo brasileiro* (São Paulo: Leya, 2012).

Confira a entrevista.

**IHU On-Line – O senhor está lançando a obra *As duas guerras de Vlado Herzog*. Nesse sentido, o que traz de novidade com relação à vida e trabalho do jornalista?**

**Audálio Dantes** – Ao decidir escrever o livro, trinta anos depois do

assassinato de Vlado Herzog<sup>1</sup> numa

dependência do II Exército, em São

<sup>1</sup> Vladimir Herzog (27 de junho de 1937 - 25 de outubro de 1975): apelidado de Vlado. Jornalista, professor universitário e dramaturgo de origem iugoslava. Apesar de seu nome de nascimento ser Vladimir, ele adotou o pseudônimo Vlado, já que seu nome verdadeiro era muito

incomum no Brasil. Sua morte teve um grande impacto sobre a sociedade brasileira, marcando o início do processo de redemocratização do país. Segundo o jornalista Sérgio Gomes, Herzog é um “símbolo da luta pela democracia, liberdade e justiça”. (Nota da IHU On-Line)

Paulo, não tinha a preocupação de buscar novidades. Pretendia apenas reconstituir o episódio que marcou a minha vida e, por suas implicações, a própria história do país. Seria a minha visão dos fatos, a história contada por quem a viveu de perto e foi um de seus personagens. Muito já se tinha escrito sobre o caso Herzog, que seria, então, contado com outras palavras, as minhas palavras. No entanto, o livro traz novidades, não só sobre a vida de Vlado, mas informações contidas em documentos do Serviço Nacional de Informações – SNI, recentemente liberadas.

**IHU On-Line – Então presidente do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo à época, o senhor liderou os protestos contra a versão oficial da morte por suicídio de Herzog na prisão política da capital paulista. Não é isso? Como o senhor conseguiu lidar com esta situação? E como conseguiu chegar aos fatos em que chegou com relação à morte do jornalista?**

**Audálio Dantas** – Em nenhum momento acreditei na versão oficial do suicídio. Nem eu nem a maioria dos diretores do Sindicato dos Jornalistas. Além de todas as evidências expostas na história mal contada dos militares, a visão do Vlado enforcado com os pés no chão, pendente de um cinto que nenhum prisioneiro usava no DOI-Codi, havia inúmeros depoimentos de ex-presos sobre a tortura a que foram submetidos.

### **Grito de protesto**

Foi do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo que partiu o primeiro grito de protesto contra a violência crescente contra presos políticos. No dia seguinte à morte de Herzog, o fato foi denunciado em nota oficial do sindicato, na qual ficou claro que não se aceitava a versão oficial, ao mesmo tempo em que afirmava serem as autoridades responsáveis pela vida dos presos que mantinham sob sua guarda. A nota terminava convocando os jornalistas para o sepultamento no dia seguinte. Tudo isso levou a uma mobilização que, num crescendo, culminou com a realização de um culto ecumênico em memória de Herzog, na catedral de São Paulo, com a presença de oito mil pessoas.

“A Comissão da Verdade é um espaço importantíssimo para que coisas que já estavam aparentemente esquecidas no país comecem a ser outra vez discutidas”

**IHU On-Line – Que fatos da morte de Vladimir Herzog ainda não foram esclarecidos?**

**Audálio Dantas** – Se a versão do suicídio nunca foi aceita, ainda falta saber sobre as verdadeiras circunstâncias da morte. Nas mãos de quem e a mando de quem Vlado morreu. Teria sido, como se especula, um “acidente de trabalho”, ou seja, a dose de tortura foi além do que o preso podia suportar? Ou tudo foi deliberado para demonstrar com quem estava a força?

Vale lembrar que, ao final da sentença em que o juiz federal Márcio José de Moraes condenou a União pela prisão ilegal, tortura e morte de Vladimir Herzog, ele determina que o Estado apure as reais circunstâncias em que ocorreu a morte. É notável o fato de que nenhum governo, seja da ditadura que terminou em 1985 ou os que vieram depois, na vigência do regime democrático, tenha cumprido essa determinação judicial.

**IHU On-Line – Como o senhor avalia a Comissão da Verdade? Ela pode esclarecer o que foi a ditadura militar brasileira?**

**Audálio Dantas** – Em primeiro lugar, independentemente das conclusões a que possa chegar, a Comissão da Verdade, mesmo que instituída

tardamente, é um fato de grande importância. Ao ser instituída, ela abriu caminho para que se produzisse um importante debate sobre os crimes da ditadura militar.

Ademais, a simples instituição da Comissão da Verdade é um avanço importante no sentido de que o período da ditadura seja discutido, debatido, independentemente de atuação da Comissão que leve a alguma conclusão. A Comissão da Verdade é um espaço importantíssimo para que coisas que já estavam aparentemente esquecidas no país comecem a ser outra vez discutidas.

### **Mudança**

Gostaria apenas de citar uma coisa para mostrar essa importância. A primeira decisão da Comissão da Verdade, algum tempo atrás, foi determinar que se modificasse o atestado de óbito de Vladimir Herzog, que consta até hoje baseado em um laudo médico falso. Quando todos nós, nesses 27 anos, discutimos que não aceitamos a tese de suicídio, finalmente um órgão público chega e afirma que não foi e isso irá modificar o atestado de óbito de Herzog. Agora, que leve ao esclarecimento total dos crimes da ditadura, isso eu não acredito, porque até hoje, desde 1985, passados tantos anos, o governo brasileiro não foi capaz de promover essa discussão e tanto tempo depois acho praticamente impossível.

### **Não há dois lados**

Creio que há um medo que não consigo entender, dos sucessivos governos democráticos, de que haja alguma reação dos militares, porque a lei de anistia perdoou os dois lados. Creio que não há dois lados. Há um lado que é um todo, que é a sociedade brasileira, e uma minoria, entre as quais estão muitos assassinos, torturadores, que não sejam punidos, com prisões ou coisas parecidas, mas que sejam execrados à opinião pública; que seja posto em manchete no país inteiro que fulano foi um torturador, que matou etc. É isso. Creio que a Comissão da Verdade tem essa importância.

**IHU On-Line – Hoje o Brasil tem uma presidente que foi militante na**

**ditadura militar. Por esse motivo, o assunto deveria ser abordado de outra maneira?**

**Audálio Dantas** – Se a presidenta Dilma Rousseff sofreu na carne a violência dos torturadores da ditadura, é de se esperar que ela seja mais sensível a essa questão. Ela é, pela posição que ocupa, a principal testemunha dos crimes praticados. Isso não quer dizer que ela seja movida por sentimento de vingança, mas sim por compromisso com a verdade. Ela não tem o direito de se omitir, tanto é que a decisão veio dela da criação da Comissão da Verdade. Mas, ao mesmo tempo, se vê a reação de setores militares, principalmente entre os aposentados, que simplesmente contestam a presidenta da República, porque ela criou a Comissão. Em minha opinião, para que acabasse essa coisa de uma vez, ela deveria usar os regulamentos militares e enquadrar essas pessoas, porque eles não têm o direito. Nós vivemos em um regime democrático, em que é permitida a divergência, mas não é permitida a pregação da impunidade.

**IHU On-Line – O senhor está lançando também *Tempo de reportagem*, compilando textos de sua autoria veiculados entre os anos 1950 e 1990 em diversas publicações. A partir da sua experiência, que avaliação faz da produção jornalística, em especial da reportagem, no Brasil? Os jornalistas de hoje são diferente dos jornalistas de 40 anos atrás? Por quê?**

**Audálio Dantas** – O livro *Tempo de reportagem* (editora Leya) reúne textos que escrevi principalmente nos anos 1960 e 1970, nas revistas “O Cruzeiro” e “Realidade”. Elas marcam uma fase importante do jornalismo brasileiro, em que a chamada grande reportagem ocupava um espaço que há muito desapareceu dos veículos impressos. São matérias que, além do aprofundamento dos assuntos, apresentam textos bem elaborados, o que hoje, de modo impróprio, a meu ver, chamam de jornalismo literário.

### Jornalismo contemporâneo

Hoje, o espaço para essas reportagens é bastante reduzido. Entre

outras razões, porque elas exigiam investimentos financeiros, tempo do repórter etc. Muitas matérias atualmente são feitas por telefone, quando não por “consultas” à internet, sem o devido cuidado de verificação da credibilidade das fontes. Quanto aos jornalistas, os que o são de verdade não são diferentes dos de algumas décadas atrás. A diferença é que, atualmente, eles têm que estar em dia com as novas tecnologias.

**IHU On-Line – Em sua obra *O menino Lula* (Ediouro, 2009), o senhor reuniu histórias sobre a infância de Luiz Inácio Lula da Silva, das lutas sindicais até a conquista da presidência, com fotos do acervo pessoal da família. Que avaliação faz dos governos do ex-presidente Lula e de Lula como político? Pode-se dizer que ele continua tendo influência política no país?**

**Audálio Dantas** – O livro *O menino Lula* é, por assim dizer, a biografia autorizada da infância do ex-presidente. Além de pesquisas, fiz uma longa entrevista com Lula, quando ele ainda exercia a presidência. Posso dizer que ele “se abriu” ao narrar os dias difíceis de sua infância, a miséria vivida no sertão pernambucano, a família desfeita etc. Esse “se abrir” tem muito a ver com o longo conhecimento que tínhamos, desde os tempos das grandes greves do ABC paulista, quando, deputado federal, estive presente nos momentos mais difíceis, desde os piquetes de porta de fábrica aos cercos policiais das manifestações operárias.

Os governos de Lula foram positivos, principalmente do ponto de vista de acesso das grandes massas de famintos a condições mais dignas de vida. Claro, ele mantém grande influência política no Brasil.

**IHU On-Line – Nesses mais de 50 anos na profissão de jornalista, qual foi o principal desafio jornalístico que o senhor enfrentou? Por quê? Nesse sentido, quais são as dificuldades de fazer jornalismo no Brasil?**

**Audálio Dantas** – Vou fazer uma revelação aqui: o meu tempo de efetivo exercício da profissão não passou efetivamente de 20 anos. Eleito presidente do Sindicato dos Jorna-

listas de São Paulo, em 1975, continuei no trabalho, mas sem poder fazer aquilo que sempre foi a minha paixão – a reportagem. Foram muitos os desafios da profissão, mesmo porque sempre mergulhei de corpo e alma na reportagem. Fiz isso literalmente quando fui testemunhar o trabalho dos caçadores de caranguejo num manguezal da Paraíba ou ao interromper uma reportagem turística pela rodovia Panamericana para cobrir uma guerra entre El Salvador e Honduras.

**IHU On-Line – Como o senhor vê a formação dos jornalistas na atualidade? Quais são as lacunas ainda existentes na academia com relação à formação deste profissional?**

**Audálio Dantas** – Não tenho formação específica em jornalismo, sou defensor da exigência do diploma universitário para o exercício da profissão. Fiz isso como presidente do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo e como presidente da Federação Nacional dos Jornalistas, por entender que o curso, no mínimo, oferece conhecimento teórico que dá melhores condições para o exercício da profissão. O problema é que nem sempre os cursos oferecidos, muitas vezes em faculdades que são verdadeiras arapucas, formam bons jornalistas. Um dos problemas é que muitos dos professores de jornalismo não passaram sequer perto de uma redação.

### Leia mais...

>> Confira os materiais publicados pelo site do IHU sobre o livro de Audálio Dantas. Confira.

- *Audálio Dantas foca na mobilização política ao narrar história de Herzog. Notícias do Dia* 14-11-2012, disponível em <http://bit.ly/TIBZsC>
- *O caso Vlado visto de perto. Notícias do Dia* 21-11-2012, disponível em <http://bit.ly/T4MBRJ>

## Entrevista da Semana

# A atualidade da filosofia de Rousseau

Contratualismo do pensador francês continua sendo importante para compreendermos a vida em sociedade, pontua Wilson Alves de Paiva. Considerada a obra fundante da Educação, o *Emílio* é a principal obra rousseauiana

POR MÁRCIA JUNGES

O *Emílio* pode ser compreendido como a síntese do pensamento filosófico de Jean-Jacques Rousseau: “a de que o homem nasce bom, é corrompido pelas condições sociais deterioradas, mas que pode ser ‘salvo’ por uma ação político-pedagógica que desenvolva nele as virtudes necessárias para o convívio com seus semelhantes sem, contudo, corromper sua alma”. A afirmação é de Wilson Alves de Paiva, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**. “Como um bom filósofo da educação, suas reflexões inauguram uma nova visão sobre a infância e permite pensar uma outra realidade para a criança nos ambientes educativos como um todo”, acrescenta. A temática vem sendo discutida largamen-

te em função do tricentenário de nascimento de Jean-Jacques Rousseau, comemorado com eventos promovidos em diversos países.

Wilson Alves de Paiva é graduado em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará – UFPA, mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás – UFG e doutor em Educação pela Universidade de São Paulo – USP com a tese *Da reconfiguração do homem: um estudo da ação político-pedagógica na formação do homem em Jean-Jacques Rousseau*. Leciona na Faculdade União de Goyazes, em Goiás. É autor de *O Emílio de Rousseau e a formação do cidadão do mundo moderno* (Trindade: CE-ODO, 2007).

Confira a entrevista.

**IHU On-Line – Qual é a importância da obra *Emílio* no conjunto da filosofia de Rousseau<sup>1</sup>?**

<sup>1</sup> **Jean Jacques Rousseau** (1712-1778): filósofo franco-suíço, escritor, teórico político e compositor musical autodidata. Uma das figuras marcantes do Iluminismo francês, Rousseau é também um precursor do romantismo. As ideias iluministas de Rousseau, Montesquieu e Diderot, que defendiam a igualdade de todos perante a lei, a tolerância religiosa e a livre expressão do pensamento, influenciaram a Revolução Francesa. Contra a sociedade de ordens e de privilégios do Antigo Regime, os iluministas sugeriam um governo monárquico ou republicano, constitucional e parlamentar. (Nota da IHU On-Line)

**Wilson Alves de Paiva** – O próprio Rousseau afirma, em suas *Confissões*, que o *Emílio* foi a melhor e a mais importante de suas obras. Afirmação com a qual estou de pleno acordo, uma vez que ela amplia o que está rascunhado em seus primeiros escritos sobre a educação (*Projeto para educação do Senhor de Sainte-Marie*); e sintetiza as ideias que desenvolve separadamente no *Contrato Social*, na *Nova Heloísa*, nas *Cartas da Montanha*, entre outras obras. Portanto, esse “mosaico de ideias”, como costume dizer, é repleto de máximas não apenas sobre educação, mas também sobre infância, conhe-

cimento, virtudes morais, paternidade, didática, espiritualidade, política e ética. Seu tratado pode ser visto, nessa perspectiva, como a síntese de seu pensamento, de sua filosofia: a de que o homem nasce bom, é corrompido pelas condições sociais deterioradas, mas que pode ser “salvo” por uma ação político-pedagógica que desenvolva nele as virtudes necessárias para o convívio com seus semelhantes sem, contudo, corromper sua alma. Por isso que o Yves Vargas, um dos intérpretes do *Emílio* da atualidade, afirma no livro *Introduction à l’Emile de Rousseau* que a obra é um tratado de “política natural” e não apenas de

educação. Veja que o *Contrato Social* – fonte de inspiração dos revolucionários franceses – está resumido no *Emílio* como uma das lições do preceptor ao seu aluno. E, por fim, como um bom filósofo da educação, suas reflexões inauguram uma nova visão sobre a infância e permite pensar uma outra realidade para a criança nos ambientes educativos como um todo.

**IHU On-Line – Qual é a atualidade dessa obra e sua influência em outros ramos do saber como a educação?**

**Wilson Alves de Paiva** – Embora tenha sido publicado pela primeira vez em 1762, o *Emílio* goza hoje o status da obra fundadora da educação e da pedagogia modernas. Como “divisor de águas” entre a velha e a nova escola, suas reflexões influenciaram várias gerações de educadores em todo o mundo. Vamos encontrar as ideias rousseauianas na Escola Moderna, do educador espanhol Francisco Ferrer<sup>2</sup>; na Escola Ativa e no movimento da Escola Nova. Da mesma forma, podemos afirmar que Célestin Freinet<sup>3</sup>, Maria Montessori<sup>4</sup>, Ovide Decroly<sup>5</sup>, Edouard Claparède<sup>6</sup>, Piaget<sup>7</sup> e até Paulo Freire<sup>8</sup> foram substancialmente

“Ainda vivemos a modernidade com todos seus ganhos e perdas. Não conseguimos ainda superar as contradições e os problemas apontados por Rousseau. No campo político reinam o fanatismo religioso e o despotismo democrático”

influenciados pelo *Emílio* e pela filosofia de Rousseau. Tudo isso porque a obra passou a ser um manifesto do novo pensamento pedagógico que se desenvolveu a partir dos séculos XVIII e XIX. Mesmo condenado à fogueira pelo arcebispo de Paris, assim que foi publicado, o *Emílio* se tornou logo um libreto da liberdade e uma faísca para a explosão dos movimentos revolucionários. Claramente uma abertura ao universal, o *Emílio* não pode

alfabetização, depois adotados pelo governo federal (1963). Esteve exilado entre 1964 e 1971 e fundou o Instituto de Ação Cultural em Genebra, Suíça. Foi também professor da Unicamp (1979) e secretário de Educação da prefeitura de São Paulo (1989-1993). No *II Ciclo de Estudos sobre o Brasil*, do dia 30-09-2004, o professor Dr. Danilo Streck, do PPG em Educação da Unisinos, apresentou o livro *A Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire. Sobre a obra, publicamos um artigo de autoria do professor Danilo na 117ª edição, de 27-09-2004. Confira, ainda, a edição 223 da revista *IHU On-Line*, de 11-06-2007, intitulada *Paulo Freire. Pedagogia da esperança*, disponível para download em <http://migre.me/2peDT>. (Nota da IHU On-Line)

ser confundido e ignorado como um tosco ensaio literário do início do movimento romântico ou um mero devaneio filosófico. Mas deve ser encarado como a mais apaixonada proposta de dar respostas aos anseios de sua época que, inclusive, são também os mesmos anseios que temos na atualidade.

**IHU On-Line – Quais são as principais ideias do livro?**

**Wilson Alves de Paiva** – Contidas no primeiro capítulo da segunda parte de meu livro: “O Emílio de Rousseau e a formação do cidadão do mundo moderno”, assim como no artigo recém-publicado pela Revista Portuguesa de Educação, da Universidade de Coimbra, as principais ideias podem ser resumidas da seguinte forma: Seu tratado de educação ou, como prefere chamar (no prefácio), seus “devaneios de um visionário sobre a educação”, resulta de 20 anos de meditação e três anos de trabalho intenso, tendo sido compilado em cinco livros cheios de reflexões, máximas, diálogos, passeios, catecismo, jogos, brincadeiras, confissões, conselhos, tudo isso num grande romance que conta a história da educação de um órfão, entregue ao preceptor Jean-Jacques, até seu matrimônio. Resumindo, o livro I delinea a primeira etapa da formação humana falando dos dois primeiros anos de vida da criança e dos cuidados que as mães devem ter para o bom desenvolvimento físico e mental. Chamada de idade da natureza, esse período procura desenvolver os sentidos por meio de uma gradual adaptação da criança (*infans*) com todas as coisas que a cercam. Enfim, o primeiro livro traça em poucas linhas os principais elementos da filosofia educacional de Rousseau e os fundamentos da educação moderna. Pois, desconstrói o conceito do “pequeno adulto” aceito até então e introduz o conceito de infância; fala da importância da afetividade; comenta sobre as sensações como primeiro material do conhecimento, negando o inatismo; e outras questões que fazem parte das discussões da atualidade, como a reciprocidade no ato educativo. No livro II, segunda etapa da idade da natureza, temos a formação da criança (*puer*) dos dois aos 12 anos na qual ela desenvolve a linguagem e todos os

<sup>2</sup> Francisco Ferrer Guardia (1859-1909): pensador anarquista catalão, criador da Escola Moderna (1901), um projeto prático de pedagogia libertária. (Nota da IHU On-Line)

<sup>3</sup> Celestin Freinet (1896-1966): pedagogo anarquista francês, uma importante referência da pedagogia de sua época, cujas propostas continuam tendo grande ressonância na educação dos dias atuais. (Nota da IHU On-Line)

<sup>4</sup> Maria Montessori (1870-1952): educadora italiana, médica e feminista. Foi responsável pela criação do método Montessori de aprendizagem. (Nota da IHU On-Line)

<sup>5</sup> Jean-Ovide Decroly (1871-1932): médico, professor e psicólogo belga. (Nota da IHU On-Line)

<sup>6</sup> Édouard Claparède (1873-1940): médico, pedagogo e psicólogo infantil suíço. (Nota da IHU On-Line)

<sup>7</sup> Jean Piaget (1896-1980): psicólogo, epistemólogo e educador suíço, professor de psicologia na Universidade de Genebra de 1929 a 1954, conhecido principalmente por organizar o desenvolvimento cognitivo em uma série de estágios. Escreveu inúmeras obras, das quais citamos *Tratado de Psicologia Experimental: A inteligência* (Rio de Janeiro: Forense, v. 7, 1969) e *A Construção do Real na Criança* (Rio de Janeiro: Zahar, 1970). (Nota da IHU On-Line)

<sup>8</sup> Paulo Freire (1921-1997): educador brasileiro. Como diretor do Serviço de Extensão Cultural da Universidade de Recife, obteve sucesso em programas de

sentidos, como a visão, a audição, etc. Contra a concepção da maldade original do homem, Rousseau brinda o segundo livro com uma de suas maiores máximas: “Ponhamos como máxima incontestável que os primeiros movimentos da natureza são sempre retos: não existe perversidade original no coração humano”.

### Idade da razão e das paixões

O livro III trata da educação de 12 aos 15 anos. Nesse período o ser humano deixa a idade da natureza e engendra o que o autor chama de idade da força, pois se desenvolvem nessa faixa etária tanto as forças físicas quanto as intelectuais e as morais. Todo ato educativo deve ser desenvolvido através de experiências concretas, contextualizadas e práticas, e não através de discursos e reflexões abstratas. O livro IV trata da educação do estágio que vai dos 15 aos 20 anos. Chamado de idade da razão e das paixões, o período é bastante fértil quanto à formação moral e espiritual do indivíduo. É, por assim dizer, a época de maior expansão de sua sensibilidade (física e moral). Nele há o belo texto “Profissão de fé do vigário saboiano”, que traz fortes influências do calvinismo, misturadas a ideias católicas e ao substrato de suas próprias ideias a cerca da Natureza e de Deus. E, por fim, o livro V trata da idade que vai dos 20 aos 25 anos, denominada de idade da sabedoria e do matrimônio, e trata do enlace matrimonial de Emílio e Sofia. Para que isso aconteça, Rousseau descreve como o preceptor e seu discípulo empreendem uma viagem pela região até serem hospedados numa casa de camponeses onde conhecem uma jovem de 15 anos pela qual Emílio se apaixona, casando-se com ela.

**IHU On-Line – Como podemos compreender as teses dessa obra que fala sobre educação de crianças se em sua vida pessoal Rousseau enviou ao orfanato seus cinco filhos?**

**Wilson Alves de Paiva** – Penso que o que conta é a obra de um autor, seu pensamento e a importância de suas reflexões para pensarmos nossa realidade. Se a vida pessoal contasse, deixaríamos de considerar a produção de diversos autores, ora por um fato ou outro em sua vida pessoal. O fato

“Se o mundo voltasse para o valor da simplicidade, talvez fôssemos mais tolerantes, menos ambiciosos e mais felizes”

de Heidegger<sup>9</sup> ter sido simpatizante do nazismo, de Marx<sup>10</sup> ter engravidado

**9 Martin Heidegger (1889-1976):** filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947), *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, a IHU On-Line publicou na edição 139, de 2-05-2005, o artigo *O pensamento jurídico-político de Heidegger e Carl Schmitt. A fascinação por noções fundadoras do nazismo*, disponível para download em <http://migre.me/uNtf>. Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-06-2006, intitulada *O século de Heidegger*, disponível para download em <http://migre.me/uNtv>, e 187, de 3-07-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://migre.me/uNtC>. Confira, ainda, o nº 12 do *Cadernos IHU Em Formação* intitulado *Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://migre.me/uNtL>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista *IHU On-Line*, de 10-05-2010, disponível em <http://migre.me/FC8R>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica, parte integrante do Ciclo de Estudos Filosofias da diferença - Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. (Nota da IHU On-Line)

**10 Karl Heinrich Marx (1818-1883):** filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Marx foi estudado no Ciclo de Estudos *Repensando os Clássicos da Economia*. A edição número 41 dos *Cadernos IHU Ideias*, de autoria de Leda Maria Paulani tem como título *A (anti)filosofia de Karl Marx*, disponível em <http://migre.me/s7lq>. Também sobre o autor, confira a edição número 278 da *IHU On-Line*, de

do a empregada e não ter assumido a paternidade, só para citar dois exemplos, não desmerece a produção teórica deles. E, em contexto diferente do nosso, o ato de Rousseau não era assim tão condenado em sua época como é agora. Mesmo sendo uma prática comum, naquele tempo, a decisão de Rousseau não teve a aprovação de sua esposa e foi bastante criticada por Voltaire<sup>11</sup> e outras pessoas de sua convivência. Aliás, ele se arrependeu e passou o resto da vida tentando justificar sua ação.

**IHU On-Line – Em que sentido Emílio oferece perspectivas para a formação do cidadão no mundo moderno?**

**Wilson Alves de Paiva** – Rousseau defende a ação política de formar um homem diferente e capaz de reconstruir a sociedade por meio de um contrato social no qual o povo seja soberano. Portanto, defende a reformulação total da sociedade por meio de um contrato legítimo que funde o verdadeiro Estado de direito com base na soberania popular. Se a sociedade corrompe o ser humano, é preciso então uma ação pedagógica que busque aperfeiçoar e desenvolver um tipo específico de cidadão que supere o conflito entre o homem natural e o homem civil e que venha a ser o homem natural vivência em sociedade, isto é, um elemento político necessário a qualquer associação civil que tenha em vistas a promoção da liberdade, da democracia e, ao mesmo tempo, da natureza humana. Em minha interpretação, é esse o “homem total”, composto de todos os ingredientes necessários ao seu desenvolvimento pleno como homem universal e cidadão consciente. Algu-

20-10-2008, intitulada *A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx*, disponível para download em <http://migre.me/s7lF>. Leia, igualmente, a entrevista *Marx: os homens não são o que pensam e desejam, mas o que fazem*, concedida por Pedro de Alcântara Figueira à edição 327 da revista *IHU On-Line*, de 03-05-2010, disponível para download em <http://migre.me/Dt7Q>. (Nota da IHU On-Line)

**11 Voltaire (1694-1778):** pseudônimo de François-Marie Arouet, poeta, ensaísta, dramaturgo, filósofo e historiador iluminista francês. Uma de suas obras mais conhecidas é o *Diccionario Filosófico*, escrito em 1764. (Nota da IHU On-Line)

mas das características marcantes do mundo moderno, como a liberdade, o individualismo, o cosmopolitismo e o contratualismo, estão presentes nas lições que o preceptor desenvolve com seu aluno. O “Episódio das Favas”, por exemplo, é uma lição extremamente rica para entendermos as questões morais, entre outras que o mundo moderno reclama.

**IHU On-Line – Quais são suas conclusões no estudo da ação político-pedagógica na formação do homem em Rousseau?**

**Wilson Alves de Paiva** – Tendo em vista a indissociabilidade da teoria moral com a teoria política, é fundamental entender que na teoria formacional rousseauiana está implícito um projeto de desenvolvimento de um novo homem e de uma nova sociedade política. Eis a conclusão que a chego em minha tese: a de que a “reconfiguração” humana se resume em tomar o homem em sua realidade concreta e fazer dele o homem autêntico, isto é, aquele que se realiza plenamente apenas em sociedade, embora formado para si mesmo, fruto de uma “educação doméstica” pela qual aprende a ser homem antes de qualquer outra coisa. Porém, em todos os sentidos, o Emílio está sendo preparado para as obrigações sociais e o cumprimento do dever. E isso não significa que essa preparação o conduza necessariamente ao pacto social, mas a uma condição futura de autonomia, liberdade, sabedoria e conhecimento suficientes para viver plenamente sua vida pessoal, como homem, ou uma vida pública, como um dedicado cidadão de alguma comunidade qualquer. Dessa forma, a ação político-pedagógica consiste em superar o conflito adaptando o homem à sociedade sem deteriorar sua dimensão natural. Compete, portanto, à cultura e à política a remissão do homem e o conserto da sociedade. No projeto rousseauiano, podemos vislumbrar dois planos de ação: a político-social, encampada na mudança da forma de associação através do contrato social; e a individual, na recriação do homem natural por meio da educação.

**IHU On-Line – Como se dá a passagem do homem natural ao homem**

“Rousseau defende a ação política de formar um homem diferente e capaz de reconstruir a sociedade por meio de um contrato social no qual o povo seja soberano”

**civil e como a educação se converte em artifício da liberdade?**

**Wilson Alves de Paiva** – Bem discutida no *Discurso sobre as ciências e as artes* – obra que lhe rendeu o prêmio da Academia de Dijon – e, sobretudo no *Segundo discurso*, essa passagem é traumática, pois o homem se encontrava num estado de total liberdade, suprimindo apenas as necessidades básicas e desobrigado dos ditames da razão. Porém, com o surgimento de novas necessidades o homem renunciou à sua liberdade natural e colocou em marcha o desenvolvimento de suas habilidades, de sua arte, da forma de pensar e agir sobre o mundo, afastando-se cada vez mais das condições que a natureza lhe deu. Acontece que esse desenvolvimento não significou o aprimoramento dos costumes, nem o progresso do espírito. Pelo contrário, as ciências e as artes passaram a ser instrumentos de luxo e ostentação. Pior do que isso, passaram a ser, nas palavras de Rousseau, como “guirlandas de flores” a maquiagem os grilhões da escravidão e da desigualdade que se seguiram. Na cisão entre ser e parecer, o que passou a valer foi a ostentação, principalmente da superioridade em todos os sentidos. Não cheguei ainda a conclusões bem elaboradas quanto à educação como artifício da liberdade, que é

a pesquisa que desenvolvo com meus orientandos da graduação e do mestrado da Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC Goiás. Mas é possível antecipar algumas colocações: se o grande problema da passagem foi a perda da liberdade e a degradação moral, nenhuma ação educativa será propriamente educativa se não tiver em vista a formação moral e a promoção da liberdade. Como vivemos no estado civil e não há como retroceder, a ação de “reconfigurar” o processo é agir pedagogicamente, educando a sociedade na perspectiva da liberdade civil e de uma sociedade legítima. A liberdade que Rousseau concebe é a liberdade civil, que deve ser garantida pelo desenvolvimento da virtude dentro de um plano amplo de formação social do indivíduo.

**IHU On-Line – A partir dessa passagem para o homem civil, como se delineia a ética na filosofia rousseauiana?**

**Wilson Alves de Paiva** – Em diversos aspectos o livro *Emílio* pode ser visto também como um tratado de ética. Ao longo de sua formação, o menino recebe lições morais que o introduzem no mundo das relações, da ordem e da justiça. Trata-se de desenvolver a sensibilidade ativa (moral) sem, contudo, deixar de estimular a sensibilidade passiva (física). Por exemplo, dos dois aos 12 anos, quando entra na segunda fase da idade da natureza, a criança deve passar por algumas atividades que a introduzam no mundo moral. Por isso o preceptor procura estimular as atividades lúdicas no período da infância. Sabemos que as brincadeiras e os jogos, por mais simples que sejam, possuem regras e um conjunto de signos que podem desenvolver a capacidade representativa da criança, o respeito aos limites e acordos, bem como ao direito dos outros. Ao longo do texto, outras situações possibilitam o desenvolvimento da virtude e do caráter. Nessa perspectiva, Emílio representa o ser universal, o sujeito ético, o sábio cidadão do mundo que pode escolher qualquer lugar para viver, uma vez que foi educado segundo a lógica da natureza, adequando-se a qualquer realidade sem deixar-se corromper. Mais do que isso, educado

para ser virtuoso, será cumpridor de seus deveres, um bom esposo, bom pai e bom cidadão. Eis que natureza humana se converte em absoluto ético, e como imperativo da virtude e da verdade, resta à educação o mérito de configurá-la às necessidades humanas que o mundo moderno proporciona. Há um texto pouco lido que é o “Emile e Sophie ou os solitários”, uma espécie de continuação do Emílio que relata as desventuras do casal e o estágio de sofrimento ao qual o protagonista chegou. Mesmo assim, em terra estrangeira, vivendo como escravo, agiu de forma virtuosa e de acordo com os princípios que aprendera. Sentimento que falta hoje na sociedade, principalmente aos homens públicos.

**IHU On-Line – Passados 300 anos de seu nascimento, quais são os motivos que fazem de Rousseau um autor atual e importante para pensarmos diferentes aspectos da nossa sociedade?**

**Wilson Alves de Paiva** – Ainda vivemos a modernidade com todos seus ganhos e perdas. Não conseguimos ainda superar as contradições e os problemas apontados por Rousseau. No campo político reinam o fanatismo religioso e o despotismo democrático. Os programas de governo estão todos abaixo do zero na escala (Contrato social) concebida pelo “cidadão de Genebra”. E face à pluralidade de ideias pedagógicas, a obra *Emílio* continua como um rico material teórico para nos auxiliar a refletir sobre a finalidade da ação educacional, provocando a discussão sobre qual a figura humana que nosso aluno apresentará e que tipo de homem se propõe formar. À filosofia da educação cabe a tarefa de entender as tendências e os caminhos pensados e trilhados no passado para

poder sempre refletir sobre o presente em suas diversas necessidades. Nisso Rousseau continua tão atual quanto qualquer outro, principalmente na perspectiva de tirar de seu pensamento os elementos teóricos que possam nos auxiliar na árdua tarefa de reconfigurar o homem para uma sociedade melhor. Não é à toa que em diversas partes do mundo houve comemorações do tricentenário de seu nascimento, principalmente na França, Suíça, Japão e no Brasil.

**IHU On-Line – Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?**

**Wilson Alves de Paiva** – Gostaria de acrescentar que, embora a ação política e a ação pedagógica não sejam a mesma coisa, podemos dizer que há uma afinidade profunda entre elas. Desde a discussão sobre as origens das desigualdades sociais até a elaboração de uma “vontade geral”, o pensamento político de Rousseau tem em vistas que o homem está condenado a viver em sociedade. Ainda que no *Emílio* possamos visualizar uma formação doméstica, não quer dizer que seu foco seja estritamente o particular, o individual. Nem vem a ser o de isolar Emílio da sociedade, como geralmente se ouve falar. Emílio é apenas distanciado da urbanidade, isto é, do núcleo da vida social, e circunscrito às relações familiares. Que papel social pode ter um homem que desde a infância fosse isolado da sociedade? Por isso ele é tão somente isolado, em princípio, da agitação do núcleo social e dos efeitos que ela causa. Afastado da urbanidade, tem sua atenção desviada para a vida campestre que, por sinal, pode ser tomada como um exemplo de maior proximidade das condições naturais. No mundo rural

há menos representação e as famílias camponesas vivem de forma simples, sem luxo e sem o jugo do petulante amor próprio. Esse é, portanto, o cenário propício para iniciar a educação de alguém que aos poucos vai sendo reintroduzido na urbanidade e projetado para viver plenamente sua condição civil. Se o mundo voltasse para o valor da simplicidade, talvez fôssemos mais tolerantes, menos ambiciosos e mais felizes. Por essas e outras reflexões, o pensamento de Rousseau continua tão vivo quanto antes.

## Leia mais...

>> O site do IHU publicou diversos materiais sobre Rousseau. Confira.

- *Rousseau, um sonhador que nos ilumina. Notícias do Dia* 31-08-2012, disponível em <http://bit.ly/Rw1xKp>
- *Rousseau descobriu aquilo que chamamos de empatia. Entrevista com Jacques Lecomte. Notícias do Dia* 01-09-2012, disponível em <http://bit.ly/OGprPi>
- *Rousseau. O precursor de uma religião “à la carte”. Notícias do Dia* 06-09-2012, disponível em <http://bit.ly/OY1nHD>
- *Evento lembra os 300 anos de nascimento do filósofo Rousseau. Notícias do Dia* 06-09-2012, disponível em <http://bit.ly/PMljOE>
- *A educação para a paz na proposta de Rousseau. Notícias do Dia* 17-11-2012, disponível em <http://bit.ly/WdEZgs>

LEIA OS CADERNOS IHU IDEIAS  
NO SITE DO IHU  
WWW.IHU.UNISINOS.BR

# Destques On-Line

Entrevistas especiais feitas pela **IHU On-Line** no período de 26-11-2012 a 29-11-2012, disponíveis nas **Entrevistas do Dia** do sítio do IHU ([www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)).

## Os verdadeiros responsáveis pelo atentado do Riocentro

Entrevista especial com Jair Krischke, historiador, fundador do Movimento de Justiça e Direitos Humanos do Rio Grande do Sul  
Confira nas **Notícias do Dia** de 29-11-2012  
Acesse no link <http://migre.me/c8fXq>

O documento que comprova a prisão do deputado federal e engenheiro Rubens Paiva e o envolvimento do exército com o seu desaparecimento durante a ditadura militar demonstram que a ação do Riocentro “foi planejada e levada a efeito pelo Departamento de Operações e Informações/Centro de Operações de Defesa Interna – DOI-Codi do Rio de Janeiro”, constata o historiador.

## Por uma política de convivência com o semiárido

Entrevista especial com Dom Luiz Flávio Cappio, bispo de Barra, Bahia  
Confira nas **Notícias do Dia** de 28-11-2012  
Acesse no link <http://migre.me/c8g55>

“O meu sentimento é de tristeza de ver, em primeiro lugar, o povo sendo maltratado. As comunidades sendo colocadas totalmente de escanteio. (...) Fico triste com essa postura ditatorial de um governo que se diz do povo”, diz o religioso.

## O Batuque e o negro rio-grandense

Entrevista especial com Norton F. Corrêa, antropólogo, professor da Universidade Federal do Maranhão – UFMA  
Confira nas **Notícias do Dia** de 27-11-2012  
Acesse no link <http://migre.me/c8g9>

O Rio Grande do Sul é um estado muito racista. E o desprezo em relação à figura do negro é projetado sobre suas práticas religiosas, que continuam sendo reprimidas. Tanto a ocultação como a repressão são formas de racismo, constata o antropólogo.

## PCC: organização criminosa que pune desvios com a morte

Entrevista especial com Thadeu de Sousa Brandão, sociólogo, professor da Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA, de Mossoró-RN  
Confira nas **Notícias do Dia** de 26-11-2012  
Acesse no link <http://migre.me/c8ghH>

“O PCC não quer fazer revolução. Seus membros querem ‘gozar’ das benesses capitalistas e de consumo das quais consideram terem sido excluídos da sociedade. Nada de socialismo. No máximo, gostariam de gozar do ‘Brazilian way of life’”, descreve o sociólogo.

Leia as  
entrevistas do dia no  
sítio do IHU:  
[www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)

Tema  
de  
Capa

Destques  
da Semana

**IHU em  
Revista**

# Agenda da Semana

Eventos do Instituto Humanitas Unisinos – IHU  
programados para a semana de 03-12-2012 a 10-12-2012

## Evento: Ciclo de Estudos em EAD: Sociedade Sustentável

**Módulo 4** – Por uma ecologia da ação (2 semanas – 10h)

**Coordenação:** Prof. MS. Gilberto A. Faggion

**Local:** Plataforma Moodle Unisinos

**Data:** 3 a 15 de dezembro

Este evento encontra-se com as inscrições encerradas.

## Evento: Exibição do filme *Elefante Branco* (Pablo Trapero, Argentina, 2012, 110min)

**Data:** 6 de dezembro

**1ª Sessão** - 9h às 11h

**2ª Sessão** - 16h30 às 19h - sessão seguida de debate

**Debatedora:** Profa. Dra. Susana Rocca – Unisinos

**3ª Sessão** - 19h30 às 21h30

**Local:** Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU

Mais informações: <http://migre.me/c9147>

## Evento: Ciclo de Estudos em EAD: Sociedade Sustentável

**Módulo 4** - Por uma ecologia da ação  
(2 semanas - 10h)

**Coordenação:** Prof. MS. Gilberto A. Faggion

**Local:** Plataforma Moodle Unisinos

**Data:** 3 a 15 de dezembro

Este evento encontra-se com as inscrições encerradas.

# Elefante Branco e uma Buenos Aires pouco conhecida

POR THAMIRIS MAGALHÃES

A realidade da miséria, religião, política e a afetividade de uma favela da periferia de Buenos Aires são os assuntos principais abordados no longa-metragem *Elefante Branco* (Pablo Trapero, Argentina, 2012, 110min), que estará em exibição no Instituto Humanitas Unisinos – IHU, no próximo dia 6 de dezembro, em três oportunidades. A primeira Sessão será das 9h às 11h; a segunda, das 16h30 às 19h, seguida de debate, com a professora Dra. Susana Rocca, da Unisinos; e a terceira será exibida das 19h30 às 21h30. Todas as exibições serão transmitidas na Sala

Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU. Mais informações: <http://migre.me/c9147>.

Para o jornalista Celso Sabadin, *Elefante Branco* mostra uma Buenos Aires que o turista nunca viu, muito mais parecida com a Barcelona de “Biutiful”. “É neste apocalíptico cenário (verídico) que os padres e mais a assistente social Luciana (Martina Gusman, esposa do diretor) vão lutar – ou pelo menos tentar – contra uma realidade bem conhecida de nós, brasileiros. Drogas, corrupção, moradias sub-humanas, invasões policiais, tiroteios... já conhecemos

este filme. Ainda que nunca tão bem filmado como faz Trapero, que além de aqui reconfirmar sua sempre afiada habilidade de cineasta também nos brinda com um roteiro consistente, que passa longe do maniqueísmo simplista, construindo personagens críveis e vigorosos.” Leia a crítica completa do filme em <http://migre.me/c91AN>. Leia, ainda, a matéria “*Elefante Branco*” debate miséria, religião, política e afetividade, publicada nas **Notícias do Dia** 08-11-2012, disponível <http://bit.ly/SvK1Uv>.

## FICHA TÉCNICA

**Diretor:** Pablo Trapero

**Elenco:** Ricardo Darín, Martina Gusman, Jérémie Renier, Federico Benjamín Barga, Mauricio Minetti, Walter Jakob

**Produção:** Alejandro Cacetta, Juan Pablo Galli, Juan Gordon, Pablo Trapero, Juan Vera

**Roteiro:** Pablo Trapero

**Fotografia:** Guillermo Nieto

**Trilha sonora:** padres, problemas sociais, narcotráfico, polícia

**Duração:** 110 min.

**Ano:** 2012

**País:** Argentina, Espanha

**Gênero:** Drama

**Cor:** Colorido

**Distribuidora:** Paris Filmes

**Estúdio:** Matanza Cine / Morena Films / Patagonik Film Group

**Classificação:** 16 anos

# ACESSE AS REDES SOCIAIS DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU

## FACEBOOK



## BLOG



## TWITTER



## IHU Repórter

## João Arlindo da Silva

POR THAMIRIS MAGALHÃES

“Sou extrovertido, alegre e procuro sempre fazer o melhor”, diz o técnico de Laboratório de Anatomia na Unisinos João Arlindo da Silva, em entrevista concedida pessoalmente à **IHU On-Line**. Trabalhando há 28 anos nesta instituição, João frisa que aprendeu muita coisa aqui dentro. “A convivência, a amizade, o carinho dos companheiros de trabalho. Conhecemos muitas pessoas na Universidade. E aprendemos muito”. Seu maior sonho é ter sua casa própria, se estabilizar, organizar a sua vida e a de sua família. Conheça um pouco mais da história deste técnico, que fez um curso de Técnicas em Anatomia na Universidade de São Paulo – USP.

**Origem** – Nasci no dia 07-06-1959, em São Leopoldo. Atualmente, moro em Sapucaia do Sul. Sou casado com a Adriana da Silva. Tenho um casal de filhos, e dois netos: o Adriano da Silva, casado, tem um filho, o Adrian; e a Ana da Silva, que tem um filho também, o Brian.

Meus filhos moram próximo de mim. Meus pais são falecidos.

**Autodefinição** – Sou extrovertido, alegre e procuro sempre fazer o melhor.

**Formação** – Tenho o segundo grau completo e sou técnico de Laboratório de Anatomia na Unisinos.

**Laboratório de Anatomia** – Meu trabalho aqui é de atendimento ao aluno e ao professor bem como de conservação, preparação e dissecação de ma-

terial no Laboratório de Anatomia. Atendemos os oito cursos da área de saúde: Psicologia, Biologia, Nutrição, Educação Física, Enfermagem, Fisioterapia, Farmácia e Biomedicina. Além disso, preparamos aula para o professor. Se ele vem aqui e pede uma aula x, nós montamos a aula para ele aqui no laboratório. Além disso, auxiliamos o professor nas provas. Este laboratório é o único do Centro 2 em que todos os cursos da área de saúde têm obrigação de passar por aqui. Então, há um fluxo muito grande de alunos nele.

**Curso** – Há uns seis anos, fiz um curso de Técnicas em Anatomia na Universidade de São Paulo – USP, aprendendo como preparar material, utilizar os produtos químicos,





como corantes, colorir a peça e outros vários tipos de coisas.

**Unisinos** – Trabalho nesta instituição desde 1984. No começo, trabalhei com serviço de limpeza e jardinagem. Em 1989, passei a trabalhar no Laboratório de Anatomia, onde estou até hoje. Tenho uma vida praticamente dentro desta instituição. Aprendi muita coisa aqui dentro. Há convivência, amizade, carinho entre os companheiros de trabalho. Conhecemos muitas pessoas nesta instituição. E aprendemos muito.

**Lazer** – Sou evangélico, tenho um movimento na Igreja de pregação e direção da Igreja. Trata-se de um movimento religioso. Além disso, toco um pouco de violão.

**Livros** – Gosto dos livros, revistas e jornais informativos que me oferecem subsídios religiosos e teológicos.

**Religião** – Sou evangélico, da Assembleia de Deus.

**Sonho** – Ter a minha casa própria. Estou me aposentando e desejo me estabilizar, organizar a minha vida e a de minha família.



## Por uma ecologia da ação

Inicia hoje, dia 3 de dezembro, o quinto e último módulo para este ano do Ciclo de Estudos em Educação a Distância (EAD) – Sociedade Sustentável. O tema é “Por uma ecologia da ação” e terá duração de 2 semanas. Promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU, o ciclo tem como objetivo refletir sobre as perspectivas de emergência de uma sociedade sustentável, no sentido de evidenciar a necessidade de um novo paradigma civilizacional, prospectando alternativas sustentáveis de organização social e econômica, capazes de contribuir à sustentabilidade do Planeta e da sociedade. Saiba mais em <http://bit.ly/NWRJvc>



## O Mistério da Igreja na era das mídias digitais



A c a b a de ser publicada a edição número 73ª dos Cadernos Teologia Pública. Intitulado “O Mistério da Igreja na era das mídias digitais”, o texto é de autoria de Antonio Spadaro,

teólogo jesuíta e diretor da Revista Civiltà Cattolica, que faz uma análise de como as novas tecnologias da comunicação estão mudando o modo de viver e pensar a fé. Os Cadernos Teologia Pública podem ser adquiridos na Livraria Cultural, no campus da Unisinos, ou pelo endereço [livrariaculturalsle@terra.com.br](mailto:livrariaculturalsle@terra.com.br) Mais informações podem ser obtidas pelo telefone (51) 3590 4888.

A versão completa desta edição estará disponível no sítio do IHU ([www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)) a partir de 21 de dezembro de 2012 para download em formato PDF.

## Exibição do filme - Elefante Branco

“Quando a fé não é bastante para salvar vidas, você deve agir”. A chamada é do filme Elefante Branco (Argentina, 2012, 110 min), dirigido por Pablo Trapero e com a atuação do conhecido ator argentino Ricardo Darín, que traz a realidade da miséria, religião, política e afetividade de uma favela da periferia de Buenos Aires. O filme será exibido no próximo dia 6 de dezembro, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU, em três sessões: a primeira das 9h às 11h; a 2ª das 16h30 às 19h; e a 3ª das 19h30 às 21h30. Mais informações podem ser obtidas em <http://bit.ly/QSnQwr>

